

# RETOMAR A TERRA

valorização das heranças e culturas indígenas



**RETOMAR A TERRA:**  
valorização das heranças e culturas indígenas

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU

Trabalho Final de Graduação

Mayara Karen Ribeiro da Costa | DRE: 116036133

Orientadora: Flávia de Faria

Rio de Janeiro, 2022

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por serem a minha base e por me proporcionarem essa caminhada;

À minha irmã Marcella, por ser a minha referência e maior porto seguro;

Ao João, por todo o colo e companheirismo incansáveis;

À Antonia, Bia e Maria, pela amizade e compreensão em todos os momentos;

À professora Flávia de Faria, pela confiança e pelos ensinamentos valiosos ao longo de todo o processo;

Aos professores Carlos Eduardo Nunes-Ferreira, Igor de Vetyemy e Maria Ayara Mendo, pelo envolvimento com o trabalho e humanidade em todas as orientações;

A todos que participaram das pesquisas e entrevistas, pela colaboração e disponibilidade;

À FAU-UFRJ, por ter sido resistência e casa durante todos esses anos;

Ao André, Gabriela, Gabriella e Raquel, por terem sido a maior companhia nessa jornada.

“A mãe do brasil é indígena, ainda que o país tenha mais orgulho do seu pai europeu que o trata como um filho bastardo. Sua raiz vem daqui, do povo ancestral que veste uma história, que escreve na pele sua cultura, suas preces e suas lutas.”

**MYRIAN KREXU**

“Arquitetura é uma invenção contínua, onde a história entra como memória para ser transformadora.”

**PAULO MENDES DA ROCHA**



## RESUMO

O Trabalho Final de Graduação em questão busca, por meio da arquitetura, retomar o contato com a terra e dar luz às heranças e às memórias indígenas.

O estudo tem como intenção principal demonstrar a validade permanente dos saberes ancestrais e legitimar as construções indígenas como arquitetura viva e presente, por meio da concepção de um espaço construído de forma coletiva e com técnicas vernaculares.

O objetivo final é a elaboração de um fruto arquitetônico de uso livre e público, que represente um respiro na cidade do Rio de Janeiro e seja local de encontro, contemplação e permanência para os visitantes.

**Palavras-chaves:** herança, memória, ancestral, indígena, contemplação, valor, saberes, técnicas, terra.

## **1 APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO TEMA**

## **2 DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS**

- \_ Objetivo geral
- \_ Objetivos específicos

## **3 METODOLOGIA**

- \_ Curso Arquitetura Pataxó: história e técnicas vernaculares
- \_ Entrevistas
  - Igor Vetyemy;
  - Júlia, etnia Xavante;
  - Cacique Urutau, etnia Guajajara.
- \_ Definições
  - Patrimônio imaterial;
  - Valor.

## **4 ARQUITETURAS INDÍGENAS BRASILEIRAS**

- \_ Formas de aldeias
  - Forma circular

## **5 O CAMPO DE ATUAÇÃO**

- \_ Baía de Guanabara e Rio Carioca
- \_ Aterro do Flamengo
- \_ O tombamento
- \_ O que diz a legislação?

## **6 O RECORTE ESCOLHIDO**

- \_ Pontos do entorno
- \_ Pontos chaves do entorno
- \_ Mapa de mobilidade urbana
- \_ Fotos do terreno
- \_ Mapa sensorial

## **7 REFERÊNCIAS PROJETAIS**

- \_ Centro Cultural Jean-Marie Tjibaou
- \_ Serpentine Pavilion 2017
- \_ Thread Artist Residency & Cultural Center
- \_ Museu de Arte Teshima
- \_ Projeto para sede do Instituto Xingu

## **8 O PROJETO ARQUITETÔNICO**

- \_ Premissas projetuais
- \_ Estudo da forma
- \_ Implantação
- \_ Planta baixa 1:1000
- \_ Preexistências e intervenções
- \_ Acessos
- \_ Planta baixa 1:500
- \_ Planta estrutural
- \_ Planta de cobertura
- \_ Cortes AA' e BB'
- \_ Estrutura e encaixes
- \_ Estrutura e materiais
- \_ Fachadas Nordeste, Noroeste, Sudoeste e Sudeste
- \_ Detalhe e especificações
- \_ Imagens finais

## **9 BIBLIOGRAFIA**

# 1

## APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO TEMA

Muito se estuda sobre a chegada dos Europeus no Brasil em 1500, mas pouco se fala sobre a vida dos milhões de indígenas que já habitavam o país muito antes dessa data. Pesquisas documentaram a existência de 2 a 8 milhões de indígenas espalhados por todo o território brasileiro, totalizando mais de 1000 etnias, anos antes da colonização europeia acontecer<sup>1</sup>.

Mais especificamente no Rio de Janeiro, 1,5 mil anos antes da chegada de Estácio de Sá no Morro Cara de Cão, chegaram aqui **os primeiros moradores da cidade maravilhosa: os Tupinambás**. Vindos da Amazônia, as tribos seguiram ao longo dos anos pelo litoral do Brasil em busca de novos *Guajupias*.

Quando os recursos naturais se exauriam nas terras em que habitavam, as tribos indígenas migravam em busca de novas áreas para viverem. Os Tupinambás definiam esse paraíso como um lugar idílico, recoberto de flores e **regado por um rio farto, cujas margens seriam cercadas por enormes árvores**<sup>2</sup>. Foi justamente esse cenário que eles encontraram ao chegar na **Baía de Guanabara**, águas que os receberam no Rio de Janeiro a milhares de anos atrás.

Em seu livro "O Rio antes do Rio", o jornalista Rafael Freitas da Silva relata que viveram pelo menos 84 aldeias já documentadas no entorno da Baía de Guanabara que conhecemos, cada uma delas com um número de habitantes entre 2 e 10 mil<sup>3</sup>. Esses indígenas **ocupavam as terras onde hoje estão os bairros do Flamengo, Laranjeiras, Largo do Machado, Catete e Glória**, às margens também do atual **Rio Carioca**.



Fonte: <https://rioantigo.org/dia-indio-ancestralidade-indigena-futuro/>

Entre essas 84 aldeias nativas aqui localizadas, uma delas se destacou como a mais importante: o nome dos seus habitantes era **Tupinambás Kariókas**. Seria então o **adjetivo pátrio "carioca"**, dado até hoje aos naturais do Rio de Janeiro, uma mera coincidência?

Algumas pesquisas antigas chegaram a alegar que o adjetivo teria origem europeia, teoria essa completamente negada pelo jornalista Rafael Freitas em seu livro. O escritor elucida que o nome "carioca" viria dos termos tupis *kariô* ("índio carijó") e *oka* ("casa"), significando "casa de índio carijó". Tal teoria é hoje a mais aceita e também foi mencionada pelo escritor francês Jean de Léry, que fez parte da expedição que implantou a França Antártica (colônia francesa) na região da Baía de Guanabara, no século XVI<sup>4</sup>.

Nos tempos atuais, com a cultura brasileira imersa em ideologias eurocêntricas, percebe-se a **enorme desvalorização da memória ancestral**. O indígena brasileiro teve sua imagem transformada na de um ser genérico, apagando as diferenças culturais existentes entre cada etnia e caracterizando todos eles como selvagens primitivos e não-dignos de valorização. Citando novamente um trecho do livro "O Rio antes do Rio", Rafael Freitas diz:



Não conhecemos bem nossas raízes indígenas. **Existe um monumento a Estácio mas não um monumento aos Tupinambás.** (...) Existe sobre nós um olhar da história que buscou relegar os povos nativos a uma cultura desaparecida, que sucumbiu à colonização. (RAFAEL FREITAS DA SILVA, 2016).

Mas, se foram eles os primeiros moradores das nossas terras, por que permitimos que essa cultura seja tão fortemente renegada e esquecida?

Em 2015, na apresentação do livro “Tecnologia Indígena em Mato Grosso: habitação”, do professor José Afonso Botura Portocarrero, a também professora e doutora Cristina Sá elucidou o descaso com a cultura indígena dizendo:

Vista em geral a partir de ideais já bem estabelecidos ou até mesmo claramente preconceituosos, ela [a cultura indígena] é **considerada como resíduo de um passado morto**, e não como tradição e cultura vivas. Exceções à parte, imagina-se que é tosca, repetitiva, sem maior interesse. Duvida-se que possa ser o sofisticado resultado de um longo processo de experimentação, ou que tenha muito o que nos ensinar. (CRISTINA SÁ, 2015).

E o que nós, homens brancos, poderíamos aprender dando mais atenção e luz à herança indígena? Ainda no livro de José Afonso Botura, nós encontramos uma reflexão do arquiteto Paulo Mendes da Rocha, que diz:

O relato de um dos primeiros marinheiros portugueses, que viram uma OCA pela primeira vez, diz que aquelas estupendas construções eram naves emborcadas. De frágil engenhosidade, flutuantes, levíssimos espaços habitáveis. (...) Nessa hora urgente na revisão crítica das políticas com traço colonial, é indispensável o estudo mais aprofundado, na Universidade, a partir das escolas de Arquitetura, sobre a origem do homem no universo, na nossa América. (PAULO MENDES DA ROCHA, 2015).

Vemos nesse relato uma surpresa positiva, por parte dos marinheiros portugueses, em relação às construções indígenas. Ainda no trecho, Paulo Mendes da Rocha cita também a necessidade da inclusão, principalmente na faculdade de Arquitetura e Urbanismo, do estudo delas.

Todavia, **há ainda muita resistência em tratar a habitação indígena como arquitetura.** Essa dificuldade está enraizada em muito preconceito e em questões profundas de legitimação.

Em contrapartida a esses pensamentos retrógrados, o professor José Afonso Botura vem desenvolvendo uma pesquisa e documentação da habitação indígena na Universidade Federal de Mato Grosso e a **aplicação desses estudos a projetos arquitetônicos contemporâneos.**

O levantamento dos desenhos das construções, feito pelo professor, é uma das contribuições mais importantes para o campo da arquitetura. O material compõe um acervo inédito, contemplando habitações e técnicas construtivas que pela primeira vez foram registradas na perspectiva arquitetônica. Isso leva também a uma contribuição substancial para os próprios indígenas, que terão a sua **memória registrada.**

É justamente esse **olhar de valorização** que pode ajudar a **retirar a cultura indígena do limbo das citações preconceituosas e folclóricas.** Aprofundar-se no aprendizado da cultura ancestral indígena é sobre lidar com valor, memória, tradições, heranças e representatividade.



# 2

## DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS

### OBJETIVO GERAL

O Trabalho Final de Graduação em questão busca, por meio da arquitetura, **contribuir para o registro das heranças indígenas e valorizar a sua memória.**

Dessa forma, o projeto tem como intenção principal **demonstrar a validade permanente dos saberes ancestrais e legitimar as construções indígenas como arquitetura viva e presente.**

Iremos destrinchar a riqueza cultural desses povos -principalmente os modos de viver, de habitar e de construir- e projetar um fruto arquitetônico que abrace em sua construção as **técnicas indígenas.**

É muito importante ressaltar que **o projeto não busca, de forma alguma, imitar ou se apropriar dessas tradições,** mas sim enriquecer-se com elas, dando **valor à memória** desses povos e afastando-se das representações folclóricas.

### OBJETIVOS ESPECÍFICOS

O Retomar a Terra busca resgatar o contato com as heranças indígenas através de uma **arquitetura imersiva, vernacular, permeável e de respeito à paisagem local.**

O projeto será um grande pavilhão aberto ao público no Parque do Flamengo, na cidade do Rio de Janeiro. Sua **construção, com técnicas ancestrais, será feita de forma coletiva** e voluntariada, com ajuda dos povos indígenas.

O objetivo do fruto arquitetônico é gerar no visitante o **sentimento de herança e de pertencimento,** por meio da valorização da memória ancestral na construção e da troca entre o visitante e o projeto, permitindo que ele mesmo dite e crie o uso do espaço.

A médio e longo prazo, se almeja que o pavilhão seja um verdadeiro **local de encontro e de permanência** para todos que o visitam.



# 3

## METODOLOGIA

### CURSO ARQUITETURA PATAXÓ: HISTÓRIA E TÉCNICAS VERNACULARES

Programa de Educação Continuada do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-RJ).

Curso remoto ministrado por Igor de Vetyemy, Cacique Hãgui Pataxó e Vice-cacique Newã Pataxó.

#### ***Aula 01: Introdução***

\_ Originalmente viviam entre 2 e 8 milhões de indígenas nas terras brasileiras, com mais de 1000 etnias. Hoje, são apenas 817.963 indígenas no país (10% do número original), 305 etnias, 274 línguas e 14 troncos linguísticos.

\_ Os Pataxós foram os primeiros a encontrarem os Europeus em Porto Seguro, Bahia. Houve massacre e opressão da etnia.

\_ Como os indígenas escolhem suas terras para se fixar?  
A terra não pode ter pedras ou areia demais, deve ser argilosa. Ela também deve estar perto da água (para pescar e tomar banho), mas não pode estar perto demais, pois o barulho da cachoeira pode dificultar a audição do entorno.

\_ Pinturas corporais: o amarelo representa a terra, o preto representa o luto e o vermelho o sangue derramado.  
A cor amarela vem da argila, a cor preta vem da fruta jenipapo e a cor vermelha da fruta urucum.

\_ Hábitos alimentares: mandioca, peixe, caranguejo, farinha de mandioca e de puba. As cozinhas são sempre comunitárias.

\_ Arquitetura: as malocas são feitas apenas de palha, não há barro. Isso permite com que a oca respire, pois a fumaça da fogueira sai, mas a chuva não entra.

Para a palha não apodrecer, os indígenas fazem fogueiras diárias. Dessa forma, a construção arquitetônica se conecta com a cultura e com os rituais.

Já as casas de barro, ajudam no equilíbrio da umidade. Quando o externo está úmido demais, a parede absorve e não passa para dentro da casa. Quando o externo está seco demais, a parede libera a umidade e umedece o interno.

\_ A etnia Yanomami vive em um local de conflitos. A casa-aldeia deles se organiza para isso: a parte interna do círculo é totalmente aberta, mas o externo é fechado para garantir segurança. Eles mesclam casas com 1 ou 2 águas e a forma circular mostra que não há diferença de valor entre o líder e os menores.

\_ Já a etnia Kaingang vive no Sul do Brasil e para se proteger do vento e dos inimigos, construíam as ocas abaixo do nível do solo.

#### ***Aula 02: Arquitetura Pataxó***

\_ Os Pataxós utilizam as seguintes madeiras para os esteios, as traves (vigas) e os braços (traves + mãos + pontalotes) das construções:

Araçá, Canela-de-burro, Aderno, Pau-Brasil, Aroeira, Tapicuru, Coresmeira e Eucalipto tratado.

\_ Para o enchimento das paredes, utilizam as madeiras Beijaúba, Tucum e Bambu.

\_ Os esteios (pilares) das construções devem formar módulos de 3 em 3m, não podendo passar de 4m.

\_ Os Pataxós misturam o barro com água e iniciam a pisa, que é feita em roda e com canto, como um ritual. Com ajuda da lona (técnica aprendida após troca cultural), eles viram o barro para recomeçar a pisa até chegar na consistência certa de uso.



Fonte: Arquitetura Pataxó: histórias e técnicas vernaculares. Realização de Igor de Vetyemy. Paraty: Iab-RJ Compartilha, 2021. 2 videoaulas (251 min.).

\_ Paredes da casa de taipa Pataxó: madeiras entrelaçadas e amarradas com cipó (ou atualmente arame, na falta do cipó). Depois o barro é colocado manualmente, jogando e batendo.



Fonte: Arquitetura Pataxó: histórias e técnicas vernaculares. Realização de Igor de Vetyemy. Paraty: Iab-RJ Compartilha, 2021. 2 videoaulas (251 min.).



Fonte: Arquitetura Pataxó: histórias e técnicas vernaculares. Realização de Igor de Vetyemy. Paraty: Iab-RJ Compartilha, 2021. 2 videoaulas (251 min.).

\_ O barro queimado no forno (técnica usada pelos homens brancos) perde suas propriedades naturais e deixa de interagir com o meio ambiente. O barro natural interage trocando calor e umidade, mas precisa de oxigenação para não apodrecer.

\_ Fundação da casa Pataxó: os indígenas abrem um buraco na terra de 1-1,2m para local o esteio. Depois disso, socam terra para fazer a sustentação.

\_ A disposição da aldeia de Paraty foi definida pela geografia do local e aconteceu de forma orgânica ao longo dos anos.

## ENTREVISTA COM IGOR DE VETYEMY

Arquiteto, Urbanista, Professor, Indigenista, Escritor, Cineasta e Presidente do IAB-RJ (Instituto de Arquitetos do Brasil).

Igor de Vetyemy lançou, no ano de 2021, o curso on-line “Arquitetura Pataxó: história e técnicas vernaculares”, em que ensinou aos alunos um pouco sobre a cultura Pataxó e sobre a aldeia existente hoje na cidade de Paraty-RJ.

Em maio de 2021, o professor aceitou participar de uma conversa com a autora desse trabalho, com o intuito de responder algumas perguntas.

### 1) Por que a escolha de estudar a etnia Pataxó? E como surgiu isso na sua vida?

*“Foi engraçado, eu conheci muito por acaso. Eu tinha meus 35 anos na época e estava em um fórum docente da Estácio, onde encontrei um indígena Pataxó que estudava Direito na faculdade para entender a lei dos homens brancos. Eu que sempre me interessei pelo tema, nunca tinha conversado com um indígena em toda a minha vida. Para você ver como é forte esse apagamento cultural, né? Então eu perguntei para ele como era a vida e onde ele morava. Ele me explicou que naquele momento estava morando em um contexto urbano, na aldeia vertical da Frei Caneca e completou com: ‘mas tem uma aldeia Pataxó aqui perto, em Paraty, você quer ir comigo? Anota meu celular’. Então eu fui, estava morrendo de medo e sem fazer ideia do que eu ia encontrar lá. É muito engraçado como temos medo deles. Mas quando você chega na aldeia, você é tão bem recebido... Eles amam receber! Quando eu fui não tinha luz, era mais roots, e toda noite nós dormíamos na oca dos anciãos junto com toda a família à luz de velas. É encantador, eu me senti totalmente em casa. Depois desse dia eu comecei a frequentar e nunca mais parei de ir. Uma vez, voltando da cachoeira, estava a vice cacique construindo a casa dela e ela começou a nos explicar como fazia. Então eu pensei: ‘como eu não pensei nisso antes? Vou trazer meus alunos!’. Mas isso sempre foi uma desculpa, eu queria mesmo era levar todo mundo para conhecer aquela cultura linda e incrível. Todos saem de lá encantados.”*

### 2) Qual a ligação entre a etnia Tupinambá Karióka e os Pataxós? Existe algum registro sobre isso?

*“Existe sim. Os Pataxós não são originalmente do estado do Rio, eles nasceram da união de vários povos que estavam quase se extinguindo e, como várias outras etnias, fizeram ao longo da história um percurso por boa parte do Brasil. Hoje eles estão em Paraty, mas vieram para cá depois de fugirem da Bahia por não aguentarem mais as disputas com os grileiros e jagunços. Quando eles chegaram em Paraty, foi algo intuitivo, eles sentiram que era lá que eles deviam ficar. Um tempo depois, foram encontrados registros de que os Tupinambás haviam vivido naquela mesma terra, mas não se sabe em qual ano. Esse grupo específico de Paraty não é apenas Pataxó. Eles são Pataxós Hãhãhãe, que é quando se mistura Pataxó com alguma outra etnia.”*

### 3) Existe uma árvore genealógica ou registro da mistura dessas etnias?

*“É muito difícil mapear isso. Eu tenho alguns mapas da época do descobrimento, mas são incertos. A cultura deles é toda baseada na oralidade, não existem muitos registros escritos. Cada etnia sabe explicar a sua própria história e eu já sentei muitas vezes na beira da fogueira para ouvir as histórias dos Pataxós. Inclusive, a língua deles é muito interessante, porque é muito recente e onomatopaica. Eu tive a oportunidade de ouvir na beira da praia a explicação do nome da etnia deles, que veio do som das ondas batendo nas pedras da praia.”*

### 4) Há quantos anos ocorreu essa migração dos Pataxós Hãhãhãe vindos da Bahia até Paraty?

*“Aconteceu a 5 anos atrás. É muito recente e é impressionante o quanto eles já desenvolveram a aldeia em tão pouco tempo. Eles não param de construir, é algo constante. Essa arquitetura é viva e não é feita para durar para sempre. Já existem casos na aldeia de pessoas que construíram 3 casas no mesmo lugar nesses 5 anos.”*

**5) Como foi a sua aproximação com os Pataxós *Hãhãhãe*? No seu primeiro contato eles já tinham tido essa experiência?**

*“Já tinham tido sim. Na primeira vez que eu fui lá, já tinha um homem branco que ajudava a aldeia com projetos culturais. Os indígenas são receptivos e estão sempre de coração aberto. No início existia uma desconfiança maior, mas é natural. Se você está disposto a dormir lá, eles sabem que podem confiar em você. Eles olham dentro do seu olho e sabem.”*

**6) Quanto tempo você passou vivendo na aldeia?**

*“Eu nunca passo tanto tempo assim, por conta da vida corrida. Já consegui passar 5 ou 6 dias em feriados, mas não mais do que isso.”*

**7) Quais foram as suas maiores experiências e aprendizados?**

*“Com certeza foram os rituais, especialmente os com ayahuasca, que é algo muito especial e sagrado. Eu já tinha experimentado com outro grupo. É um líquido feito com uma raiz e folha misturados. Essas experiências a gente não consegue descrever e têm tudo a ver com a cultura deles, com a ideia de coletividade e de que todos fazem parte de um corpo só. É sobre cura, eu sempre me senti me limpando. A experiência que eu mais lembro foi essa, mas tiveram muitos outros aprendizados, coisas que você pensa ‘como eu não pensei nisso antes? Por que o homem branco não faz o mesmo?’”.*

**8) Existe alguma técnica construtiva prevalente Pataxó? Entre a taipa e a oca de palha, por exemplo.**

*“Esses dois materiais são muito presentes em quase todas as etnias e várias delas usam apenas a palha. No caso dos Pataxós *Hãhãhãe*, eles sempre usam as duas. As paredes são sempre feitas em barro e as coberturas em palha. Mas nem todas as construções Pataxós têm paredes. As ocas sagradas, por exemplo, são abertas e feitas só em palha.”*

**9) Quais outros materiais são utilizados pelos Pataxós *Hãhãhãe*?**

*“Eles usavam muita piaçava na Bahia, mas tiveram dificuldade em encontrá-la no Rio.”*

**10) Quais as maiores dificuldades ou peculiaridades de construção você vivenciou na aldeia?**

*“A maior peculiaridade foi primeiro entender que o material não é feito para durar para sempre. As casas em si podem ter um ciclo de vida de 5, 10 ou 12 anos. Depende muito da qualidade e do ponto do barro, ele precisa estar vermelho e limpo de pedras. Várias patologias podem acontecer por conta desses fatores. Mas também existem circunstâncias em que você consegue escolher se o material vai durar mais ou menos. Por exemplo, a escolha da madeira certa influencia muito na construção dos esteios. Neles, os indígenas usam eucalipto tratado a vácuo, porque assim os esteios se tornam mais resistentes do que com o eucalipto natural. Outro exemplo: no enchimento das paredes eles sempre usam madeiras parecidas com as do esteio, mas o envaramento pode ser feito com bambu, porém esse durará menos tempo.”*

**11) Como é a questão da segurança na construção das casas na aldeia? No curso vocês citam que houve o desabamento de uma delas em uma noite de tempestade.**

*“Acontece porque muitas dessas casas são feitas improvisadamente. Os indígenas não encontram os materiais ideais sempre, como o sapê e a madeira perfeita. As casas do cacique e da vice-cacique já foram destruídas em tempestades. É o ciclo da vida. O barro, a palha e a madeira são vivos. Recentemente eu entrevistei o líder Ailton Krenak e ele me falou sobre como a arquitetura precisa ser permeada e atravessada por vida. É muito poético o que ele fala e ao mesmo tempo tão óbvio.”*



**12) Você pode falar um pouco mais sobre a duração dessas construções?**

*“Os 12 anos de duração que eu citei são baseados no ciclo de vida de uma aldeia. Quando os indígenas chegam em uma nova terra, eles fazem a primeira clareira para construir as casas e em volta delas fazem as hortas. Para não exaurir o solo, eles não plantam sempre no mesmo lugar. Cada vez que o solo se exauri, eles vão abrindo o anel para plantar uma nova colheita. Quando chega o momento em que a distância da casa até a horta não está mais confortável, é também o mesmo momento em que a casa já está começando a cair e o entorno já não tem tanto recurso. Então eles entendem que é hora de sair e buscar um novo local. Quando eles encontram, primeiramente o pajé irá sentir se aquele é o local certo ou não e depois irão verificar o solo. O solo não pode ser muito pedroso, nem muito arenoso, e precisa ser de barro para construir as casas e para pisar nos rituais. Ele também não pode estar muito longe da água, pois a aldeia precisa de rio ou cachoeira para sobrevivência. São muitos critérios para a escolha, mas tem também a parte espiritual e que a ciência não explica.”*

**13) Quais as diferenças mais marcantes entre as construções das outras etnias (principalmente Tupinambá) X Pataxó?**

*“Tem muitas diferenças marcantes entre cada uma das 305 etnias que hoje estão vivas no Brasil. Diferenças na organização espacial, diferenças em como cada um constrói, etc. Por exemplo, a etnia Tucano constrói casas com plantas retangulares, telhados de 2 águas e paredes de madeira. Os Ashaninkas vivem às margens dos rios do Norte do país que costumam alagar muito e, por isso, usam palafitas e palha nas construções. Já os Xingus têm ocas gigantescas para toda a família e são feitas 100% de palha. Existem engenhosidades que não estão escritas em lugar nenhum e que são passadas de geração em geração. Mas pra mim o mais interessante não são as diferenças, e sim as semelhanças. Todas as plantas, por mais diferentes que sejam, lidam com a mesma questão da falta de hierarquia (diferente de nós homens brancos). Seja planta circular ou retangular, eu nunca vi circulação nelas.*

*Você passa de um cômodo diretamente para o outro e todos os módulos são iguais. Às vezes eu dormia no chão da cozinha da aldeia Pataxó. Inclusive, ainda sobre hierarquia, o cacique (que a gente tem mania de achar que teria mais privilégio), mora em uma casa igual a todas as outras, sem distinções.”*

**14) Para finalizarmos, você pode falar um pouco sobre o aprendizado que você levou para a sua vida e para os seus projetos pessoais, após a vivência na aldeia Pataxó?**

*“Com certeza transformou a minha vida completamente. Você passa a ver a vida de outra perspectiva e perceber que as coisas são como são por cultura. Eu já tinha percebido isso quando morei fora do Brasil, mas o impacto foi muito maior depois de ir à aldeia. A transformação vem no sentido de você entender o poder do coletivo, como eles lidam com tudo. Por exemplo, o dinheiro que eles arrecadam é para a aldeia, para o coletivo, ninguém guarda dinheiro sozinho. Eles reconstruem as casas juntos e unidos. A coletividade e a potência que isso gera transformou completamente a minha vida. Inclusive, impactou quando eu me candidatei à presidência do IAB, porque eu entendi que não fazia sentido eu ficar tão perdido e sozinho como o ex-presidente estava. Então eu chamei um grupo de colegas para me ajudar, e dos mais diferentes possíveis (desde super liberais até super comunistas, por exemplo). Nós conseguimos unir 8 pessoas e fizemos uma presidência compartilhada. É impressionante o que conseguimos fazer juntos em 1 ano e meio. Isso veio da potência da coletividade que eu aprendi na aldeia. Aprendi também a lição da simplicidade, como um prego torto na porta faz a mesma função de um trinco de 500 reais. Foi sobre aprender o que é realmente essencial na vida.”*

## ENTREVISTA COM JÚLIA

Indígena da etnia Xavante. Júlia reside no Rio de Janeiro e, em novembro de 2021, aceitou participar de uma conversa com a autora desse trabalho.

### 1) Júlia, sua etnia é Xavante?

*“Eu nasci aqui no Rio de Janeiro e fui adotada pelo povo Xavante. Mas eu não conheço o meu povo biológico, só sei que a minha origem por parte de pai é do Ceará.”*

### 2) Você mora na aldeia Maracanã?

*“Não, eu moro no bairro do Encantado. Eu visito a aldeia, hoje ela é um ponto de encontro nosso, mas também tem famílias morando lá.”*

### 3) Você me falou sobre uma apresentação que montou sobre as arquiteturas indígenas. Me conta mais sobre ela?

*“Eu fiz uma coletânea de 27 povos indígenas. Resumindo, existem muitas formas de se conceber e de construir as nossas casas, porque cada grupo tem um jeito diferente de pensar e de se relacionar com o ambiente em que vive. A maneira como a casa é usada, dividida e construída reflete essas visões. Mas a arquitetura é sempre vernacular e desenvolvida com materiais locais, principalmente a palha e a madeira. Além disso, a circularidade da aldeia é ainda a forma mais ideal para o nosso espaço social.”*

### 4) As casas não costumam ter divisão interna, certo?

*“Não. Às vezes tem uma divisão entre o quarto e a cozinha, mas só uma. Ou então quando a casa é plurifamiliar e nela tem um casal recém casado, eles montam um quarto temporário, mas é raro. Ah! Nas aldeias as casas sempre ficam abertas. Eles só costumam fechar à noite por conta dos bichos.”*



Aldeias Guarani e Apalay-Wayana, respectivamente.  
Fonte: pesquisa realizada por Júlia Xavante.

### 5) Qual é a sua percepção em relação às construções dos homens brancos?

*“Alguns governos costumam construir casas e escolas para os nossos povos. Mas essas construções nunca são pensadas para a realidade indígena... Eles pegam as plantas das escolas da cidade e repetem nas nossas. Mas o nosso jeito de ser e de fazer é diferente, sabe? Por exemplo, o Estado costuma construir casas com banheiro, encanamento... Quando quebra, o indígena não sabe como consertar e nem tem dinheiro para isso. Então acaba ficando quebrado e abandonado, porque não foi pensado para eles. Além disso, os indígenas não conseguem viver em casas de alvenaria, porque elas são muito quentes. Um colega meu da aldeia Guarani, no Mato Grosso do Sul, me falou uma vez: ‘eles [governo] construíram casas para a gente, mas a gente mora atrás delas. A gente guarda as coisas dentro da casa, mas dorme do lado de fora, porque lá dentro é muito quente’”.*

### 6) Você já viu alguma construção em que a troca entre as culturas funcionou?

*“Já. O Estado construiu uma escola adaptada na aldeia Yawalapiti. Eu acho que houve uma boa troca entre o arquiteto não indígena e o pessoal que constrói, sabe? Porque ela não é exatamente igual às escolas indígenas, mas também não é igual às escolas de homem branco. Ela foi feita com palha e madeira e tem ventilação e iluminação.”*

**7) A minha proposta projetual é conceber um espaço de uso público no Aterro do Flamengo, onde possam ser realizados encontros, rodas de conversa e rituais. Estou estudando os materiais e as formas de construir para entender qual caminho será melhor.**

*“É uma boa ideia. Aqui no Rio é muito calor, né? Quando a oca não tem parede é melhor, porque ela fica bem ventilada e iluminada. Você também pode pensar em parede sim e parede não, vazado, sabe? As casas dos Yanomamis também são bem legais, elas são fechadas no entorno e têm um vão central. Isso pode ajudar na segurança à noite. Sobre os materiais, as casas de palha são muito inflamáveis... Infelizmente é muito possível que coloquem fogo em um projeto de palha no Aterro do Flamengo. Ah! Seu projeto pode receber grafismos nas paredes, para destacar. Cada povo tem o seu grafismo, é como se fosse uma logomarca [risos].”*



Aldeia Dessana, Amazonas.  
Fonte: pesquisa realizada por Júlia Xavante.



Aldeia Dessana, Amazonas.  
Fonte: pesquisa realizada por Júlia Xavante.

## ENTREVISTA COM CACIQUE URUTAU

Indígena e cacique da etnia Guajajara. Urutau reside na aldeia Maracanã e, em novembro de 2021, aceitou receber a autora desse trabalho na aldeia.



Fonte: foto autoral, novembro de 2021.

### 1) Como é a rotina de vocês aqui na aldeia?

*“Só louco mora aqui na aldeia [risos]. Viver aqui é sustentar a resistência e o espaço que é nosso. O Estado exterminou, expulsou e trucidou a gente...”*

### 2) Como foi criar uma aldeia com tantas etnias diferentes juntas?

*“Ah, foi difícil... São pensamentos muito diferentes, mas depois foi dando certo.”*

### 3) Vocês têm problemas com invasões externas?

*“Em 2014 eles tentaram expulsar a gente. Mas com a questão espiritual e a nossa resistência, a gente perseverou. Vou te mostrar a maquete original do terreno. Eram 14.500m<sup>2</sup>, mas a gente perdeu 12m na entrada que você passou, porque o governo avançou com a calçada depois da construção da passarela.”*

### 4) Você pode falar um pouco sobre as construções da aldeia?

*“Nessa de piaçava nós utilizamos base de canos para subir a estrutura e depois fomos conseguindo peças, cortadas à facção, de caibros. Quanto mais próximos estão os caibros, menos vazamentos acontecem.”*



Fonte: fotos autorais, novembro de 2021.

*A gente tinha outra construção aqui que era feita de bambu, mas sem tratamento ela deteriorou. A traça e o cupim acabam com o bambu. Agora eu estou construindo uma estrutura para o Sagrado Feminino. Vou fazer em forma geodésica com canos de PVC, porque não temos bambu. Ela está com 8 canos e a ideia é não ter pilar central, a estrutura vai ser toda amarrada e autoportante. Depois vamos cobrir, mas não sabemos ainda com qual material.”*

### 5) E a casa de taipa que tem aqui? Você acha que existem formas para fazer o barro resistir mais?

*“Com certeza. Essa casa está caindo porque usamos barro achado no lixo, não tínhamos recurso.”*



Fonte: fotos autorais, novembro de 2021.

## 6) Vocês costumam usar eucalipto nas construções?

*“Em 2010 a gente recebeu da UFRRJ uma doação de eucalipto. Quando tratado, ele dura bastante e resiste à deterioração. É uma boa opção.”*

## 7) Vocês conseguiram a piaçava aqui no Rio de Janeiro?

*“Uma organização doou para a gente, mas eles importaram da Bahia. Aqui no Rio não tem piaçava. Quer dizer, até tem, mas não existe a cultura de trançar e tratar.”*

### PATRIMÔNIO IMATERIAL: DEFINIÇÃO

O patrimônio imaterial ou intangível é aquele que se relaciona com a maneira como os diferentes grupos sociais se expressam por meio de suas festas, saberes, fazeres, ofícios, celebrações e rituais. As formas tradicionais e artesanais de expressão são classificadas, por serem importantes formadoras da memória e da identidade dos grupos sociais brasileiros, contendo em si, os múltiplos aspectos da cultura cotidiana de uma comunidade, bem como o caráter não formal de transmissão dos saberes, ou seja: a oralidade.

A UNESCO conceitua patrimônio imaterial como as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.

Conforme o Decreto nº 3.551/2000 e a Lei Nº 7.285/2011, eles se classificam por:

\_ Saberes: ofícios e modos de fazer (conhecimentos e modos de fazer enraizado no cotidiano das comunidades);

\_ Celebrações: rituais e festas que marcam a vivência coletiva da religiosidade, entretenimento e outras práticas sociais;

\_ Formas de expressão: manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;

\_ Lugares: mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.

**O patrimônio imaterial não requer ‘proteção’ e ‘conservação’, mas identificação, reconhecimento, registro etnográfico, acompanhamento periódico, divulgação e apoio.<sup>5</sup>**

### VALOR: DEFINIÇÃO

\_ Qualidade humana física, intelectual ou moral, que desperta admiração ou respeito;

\_ Legitimidade, valia;

\_ Excelência, dignidade superior;

\_ Reconhecimento, importância, consideração;

\_ Série de traços culturais, ideológicos, institucionais, morais etc. definidos de maneira sistemática ou em sua coerência interna (tb.us. no pl.). "valores da família, da tradição".<sup>6</sup>

Quer Matar  
um Povo?  
Então **REXISTE**  
Roube-lhes  
A  
Cultura

# 4

## ARQUITETURAS INDÍGENAS BRASILEIRAS

Devido à precariedade dos dados históricos disponíveis e à grande diversidade de culturas indígenas brasileiras, não temos hoje documentadas as nuances de cada arquitetura das mais de 300 etnias existentes no Brasil.

No livro de José Portocarrero “Tecnologia Indígena em Mato Grosso: habitação” (2018), apesar dele investigar as construções por meio do desenho, ele afirma que:

Uma sutil constatação deve ainda ser feita inicialmente, com respeito aos desenhos das casas indígenas brasileiras: os índios fazem suas casas tradicionais sem projeto. Pode-se afirmar que o seu desenho, ou o que define a sua peculiar arquitetura é produto de um “não desenho”. Suas construções, ao que parece, sempre foram executadas com base em modelos de memória de seus artífices (PORTOCARRERO, 2018, p. 33).

Apesar dessa constatação, acima das formas, da descrição de materiais e da tecnologia empregada para a construção, está um mundo de elementos com significados, um imaginário que está fundamentado no entendimento da sociedade e da cultura que estes povos possuem, seus mitos e suas maneiras de viver.

Ainda no livro de Portocarrero, a professora e doutora Cristina Sá defendeu que as pesquisas nesta temática devem perpassar pelas:

(...) memórias, vestígios, tradições, processos, representações, ou partir da matéria para chegar ao imaterial, e vice-versa. A habitação responde a inúmeras necessidades humanas diferentes, nem todas práticas, e pesquisas com objetivos muito simples podem apresentar

desdobramentos surpreendentes quando se percebe, por exemplo, que formas, técnicas, materiais construtivos, objetos ou espaços aparentemente comuns podem espelhar mitos, transmitir tradições, definir hierarquias, informar sobre papéis sociais. Enfim, que podem ser produtores e produtos de relações sociais ou simbologias complexas, o que é especialmente verdadeiro para os espaços ditos vazios. Nem sempre o real é visível ou palpável. A habitação, por mais frágil, precária e transitória que pareça, é sempre importante: ela nunca é um tema simples para pesquisa, pois está sempre embebida de significados, é um suporte para o invisível (2015 apud PORTOCARRERO, 2018, p.15).



Fonte: <https://www.caurn.gov.br/?p=10213>

No caso do trabalho em questão, as **semelhanças entre as implantações** serão o ponto de partida para a aproximação ao estudo da arquitetura indígena.

Sabemos que a cultura, os hábitos, a condição climática da região e a disponibilidade de materiais regionais diferenciam uma aldeia e outra entre as etnias indígenas brasileiras. Mas as semelhanças existentes, passadas entre gerações, chamam a atenção.

### FORMAS DE ALDEIAS

O professor Reinaldo Guedes Machado, da Universidade de Brasília, explica em sua aula “Arquitetura Indígena no Brasil” sobre as **formas de aldeias** mais comuns no país, listadas por ele no quadro abaixo:

São elas: casa-aldeia, linear, agrupamento de forma irregular e circular.

Área de ocorrência	Forma da aldeia	Tribo
Alto Rio Negro, Colômbia e Venezuela	Casa-aldeia	Yanomami Tukano Marubo
Amazonia, Alto Xingu e litoral	Circular	Xavante Yawalapiti Mehinaku Kalapalo Kuikuro Tupinambá Enawenê-nawê, etc.
Goiás, Tocantins e Mato Grosso	Linear:	Karajá
Amapá, Pará, Suriname e Guiana Francesa	Agrupamento de forma irregular	Wajãpi Ashanika Kaxinawá

Fonte: Aula Arquitetura Indígena no Brasil do Professor Reinaldo Guedes Machado (UNB).

Na **forma casa-aldeia**, toda a tribo reside sob o mesmo teto, em uma única maloca. É o caso das tribos Yanomami, Tukano e Marubo, exemplificadas respectivamente nas imagens abaixo:



Casa-aldeia das tribos Yanomami, Tukano e Marubo, respectivamente.  
Fonte: Aula Arquitetura Indígena no Brasil do Professor Reinaldo Guedes (UNB).

Já a tribo Karajá, residente da região Centro-Oeste do Brasil, possui mais de uma haitação em sua aldeia e elas se organizam de **forma linear** no terreno.



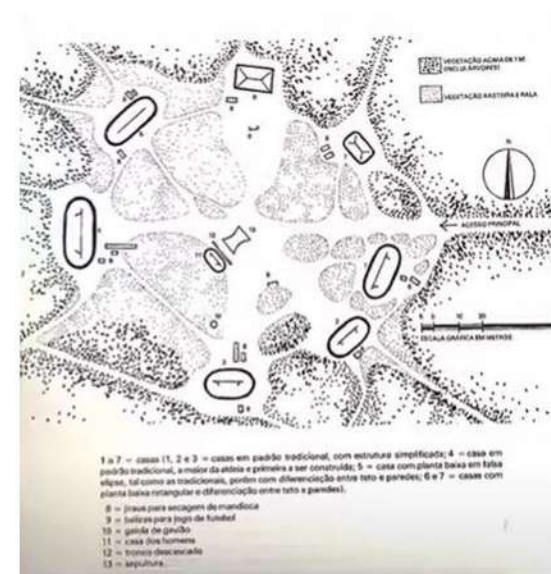
Vista aérea da tribo Karajá.  
Fonte: Aula Arquitetura Indígena no Brasil do Professor Reinaldo Guedes Machado (UNB).

As tribos Wajãpi, Ashaninka e Kaxinawá, por sua vez, constroem suas aldeias em agrupamentos de **forma irregular**. Ou seja, suas edificações se localizam livremente pelo terreno, sem apresentar um traçado regulador perceptível.



Tribo Ashaninka, Acre.  
Fonte: Aula Arquitetura Indígena no Brasil do Professor Reinaldo Guedes Machado (UNB).

Por último, a **tipologia de aldeia mais prevalente** entre as tribos brasileiras é a **forma circular**, presente nas etnias Xavante, Mehinaku, Tupinambá, Kalapalo, Yawalapiti, Kuikuro, entre outras.

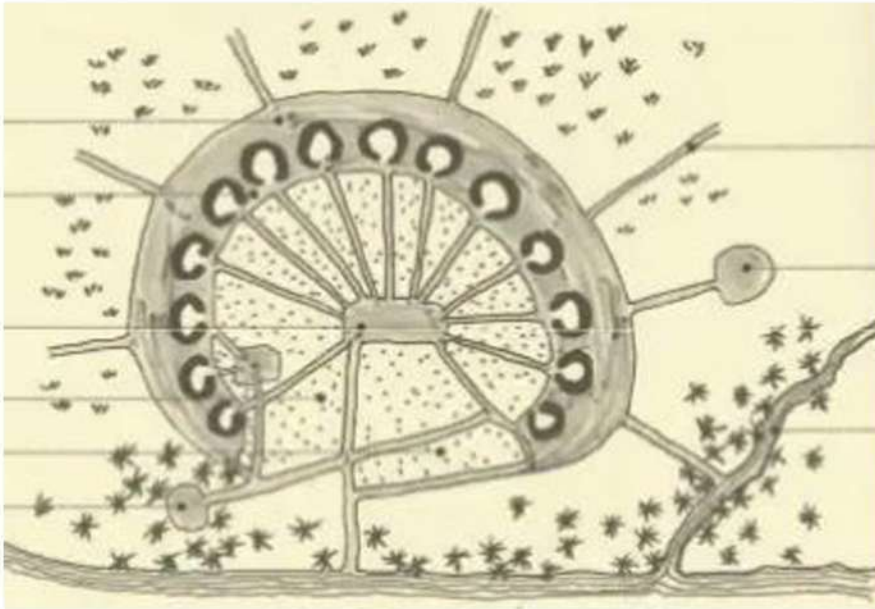


Planta de implantação da aldeia Yawalapiti, em 1978 (autoria de Cristina Sá).  
Fonte: TRONCARELLI, Ruth Cuiá. Arquitetura indígena Alto Xinguana: um estudo das representações. 2018. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)-Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Orientador: Artur ROZESTRATEN.



## FORMA CIRCULAR

Nessa tipologia de aldeia, as malocas são implantadas em uma **circunferência**, formando no seu centro uma **grande praça aberta**, onde acontecem as principais trocas sociais.



Planta de implantação da aldeia Xavante (autoria desconhecida).  
Fonte: [https://pt.slideshare.net/liladonato/sistemas-construtivos-tradicionais-no-brasil-arquitetura-indigena?from\\_action=save](https://pt.slideshare.net/liladonato/sistemas-construtivos-tradicionais-no-brasil-arquitetura-indigena?from_action=save)

Em seu livro “Arquitetura dos Índios da Amazônia”, o arquiteto e urbanista holandês Johan van Lengen escreveu dois trechos que resumem bem o significado da aldeia circular e o porquê dessa tipologia ser tão representativa:

Quando os missionários começaram a interferir nas culturas indígenas, logo perceberam que precisariam modificar o significado dos círculos. Fizeram isso forçando as casas a serem construídas em disposição linear, com uma capela ao fim. Mas mesmo agora, se pedirmos a um índio, que vive num sistema linear, para desenhar sua aldeia, ele fará um desenho circular. (VAN LENGEN, 2013, p.35).



Vista aérea da aldeia Aiha, do povo Kalapalo, na Terra Indígena do Xingu (MT).  
Fonte: [www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/direitos-humanos/os-direitos-humanos-e-os-direitos-dos-povos-indigenas-por-um](http://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/direitos-humanos/os-direitos-humanos-e-os-direitos-dos-povos-indigenas-por-um)

No segundo trecho, o arquiteto Johan van Lengen diz:

Os Timbiras **consideram o formato circular de suas aldeias como uma das expressões mais genuínas de sua cultura**. Enquanto mantiverem a sua consciência étnica, não viverão em disposições não circulares, sabendo que o formato original de suas aldeias era perfeito para a sua organização social e cerimonial. (VAN LENGEN, 2013, p.45).



Aldeia Timbira, Tocantins.  
Fonte: [https://pt.slideshare.net/liladonato/sistemas-construtivos-tradicionais-no-brasil-arquitetura-indigena?from\\_action=save](https://pt.slideshare.net/liladonato/sistemas-construtivos-tradicionais-no-brasil-arquitetura-indigena?from_action=save)



# 5

## O CAMPO DE ATUAÇÃO

A área de atuação escolhida para abrigar o projeto foi o **raio de influência da Baía de Guanabara**, pelo fato de terem sido essas águas que receberam os povos Tupinambás aqui a milhares de anos atrás.

Com vasta extensão, a Baía de Guanabara banha diversos bairros do Rio de Janeiro. Mas é no **bairro do Flamengo** que está localizada a **foz do Rio Carioca**, local onde as principais aldeias viviam naquela época.

Após o estudo dos loteamentos existentes nesse recorte, o terreno escolhido para o projeto fica no **Parque Aterro do Flamengo**, próximo à foz do rio e ao Morro da Viúva.

A área delimitada nos mapas ao lado é hoje uma praça subutilizada com 02 quadras de futebol improvisadas.

Com paisagismo assinado por Roberto Burle Marx, o **piso é de terra batida** e o entorno é recoberto por **densas copas de árvores**, desempenhando grande potencial de uso.



## BAÍA DE GUANABARA E RIO CARIOCA

Conforme citado no início desse trabalho, foi possível entender que **os indígenas escolhiam suas terras com base na busca por novos Guajupiás**, definido pelos Tupinambás como um paraíso idílico e regado por um rio farto, cujas margens seriam cercadas por enormes árvores. Foi por esse motivo que aproximadamente 84 aldeias indígenas escolheram as **margens da Baía de Guanabara e do Rio Carioca** para viverem, muito antes da chegada dos europeus na cidade do Rio de Janeiro. A Baía de Guanabara e o Rio Carioca exerceram, portanto, um papel fundamental para esses povos, sendo as principais fontes de água, alimento, proteção e locomoção da época.

Foi também na Baía de Guanabara que chegaram os primeiros portugueses na cidade, em 1502.



Fonte:

<http://multirio.rj.gov.br/index.php/estude/historia-do-brasil/rio-de-janeiro/50-a-cidade-do-rio-de-janeiro-sob-a-%C3%B3rbita-de-portugal/2415-a-expedicao-de-martim-afonso-de-souza-alcanca-a-baia-de-guanabara-carioca-curioso>

Décadas depois, em 1567, no trecho da Praia do Flamengo onde desagua o Rio Carioca, ocorreu a Batalha de Uruçumirim, guerra entre indígenas tamoios e portugueses que resultou na morte de Estácio de Sá. Já em 1750, anos após a colonização e o extermínio da população indígena, as águas do Rio Carioca começaram a ser canalizadas com a construção do Aqueduto da Carioca. Mais uma vez, o rio foi a principal fonte de água para a população.

Em 1905, após obras do prefeito Pereira Passos, o rio passou a correr subterraneamente na maior parte do seu curso, visando prevenir inundações que eram frequentes na cidade. Hoje, suas águas correm a céu aberto em apenas três trechos: o primeiro, na sua nascente, na Floresta da Tijuca; o segundo, junto ao Largo do Boticário, no Cosme Velho; o terceiro, na sua foz na Praia do Flamengo. Já em 2003, entrou em operação uma estação de tratamento de efluentes nessa mesma foz.



Fonte:

<https://bafafa.com.br/turismo/bairros/carioca-o-rio-morto-que-ja-foi-o-principal-fornecedor-de-agua-do-rio-de-janeiro>

## ATERRO DO FLAMENGO

O Aterro do Flamengo foi inaugurado em outubro de 1965, com 1,2 milhão de metros quadrados e mais de 7 quilômetros de extensão. Ele se estende desde o Aeroporto Santos Dumont até o início da Praia de Botafogo e é dividido em dois trechos: o primeiro é chamado de Parque Brigadeiro Eduardo Gomes e engloba áreas como o Museu de Arte Moderna e o Monumento aos Mortos da II Guerra Mundial; já o segundo, é conhecido como **Parque do Flamengo** e engloba áreas como a Avenida das Nações Unidas e o Monumento a Estácio de Sá.

O Parque nasceu de sucessivos aterros que começaram no início do século XX, durante o mandato do prefeito Francisco Pereira Passos. Os desmontes do Morro do Castelo e do Morro de Santo Antônio forneceram grande parte da matéria prima necessária para o projeto.



Fonte: <https://diariodorio.com/historia-do-parque-aterro-do-flamengo/>

O plano original previa apenas a construção de pistas expressas ligando o Centro da Cidade e a Zona Sul. Porém, a proposta de criar um grande parque junto às pistas venceu, com projeto urbano idealizado por Carlota de Macedo Soares, arquitetura assinada por Affonso Eduardo Reidy e paisagismo assinado por Roberto Burle Marx e Luiz Emygdio de Mello Filho, população.



Croqui feito por Burle Marx.

Fonte: <https://diariodorio.com/historia-do-parque-aterro-do-flamengo/>

A ideia era criar um parque que não fosse sobrecarregado de equipamentos, de modo que os **amplios espaços, sem indicação de atividades predefinidas**, sugerissem a sensação de liberdade. Assim, os usuários utilizariam as áreas de lazer da forma que escolhessem.

Em relação ao paisagismo, o Parque possui mais de 11 mil árvores de 190 espécies diferentes e com floração em épocas distintas, a fim de assegurar a presença constante de flores.



Fonte: foto autoral, 18/01/2022.

## O TOMBAMENTO

Em outubro de 1964, um ano antes do Parque ser inaugurado, Carlos Lacerda (então governador da Guanabara) solicitou ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) o **tombamento do Aterro do Flamengo**, dizendo em poucas palavras: “Solicito a gentileza das providências de Vossa Senhoria no sentido de ser tombado por esse Serviço o Parque do Flamengo.” (CARLOS LACERDA, 1964)

A solicitação antecipada e sucinta levantou debates acerca da real motivação por trás do pedido de tombamento, uma vez que o processo foi aberto em meio a uma tensão política. Naquela data, o Rio de Janeiro havia deixado de ser sede da República há apenas 4 anos e a ditadura militar havia sido instaurada há poucos meses no Brasil.

À favor da abertura do Processo nº 748-T-64, a urbanista Carlota de Macedo Soares registrou sua opinião sobre o tombamento:

Foi sempre a intenção do Grupo de Trabalho, desde o começo da planificação, de promover a Fundação do Parque do Flamengo, e de pedir ao digno Patrimônio Histórico e Artístico o tombamento, já que graças ao apoio incondicional do Governador Carlos Lacerda pudemos chegar a quasi conclusão das obras, sem que essas tenham sofrido uma quebra de unidade do projeto, ou a disvirtuação do conceito pelo qual elas foram criadas. Sobretudo, acreditamos que o nível tanto estético quanto social da obra venha a ser aceito pelos altos padrões que sempre nortearam o serviço do Patrimônio. (...) Pelo seu tombamento o Parque do Flamengo ficará protegido da ganância que suscita uma área de inestimável valor financeiro, e da extrema leviandade dos poderes públicos quando se tratar da complementação ou permanência dos planos. Uma obra que tem como finalidade a proteção à paisagem, e um serviço social para o grande público obedece a critérios ainda muito pouco compreendidos pelas administrações e pelos particulares. (CARLOTA DE MACEDO SOARES, 1964)

Em reunião realizada em abril de 1965, o Conselho Consultivo do IPHAN aprovou por unanimidade o tombamento do Aterro do Flamengo, antes mesmo de ser inaugurado, com a

inclusão de 100m de área marítima abrangida pelo Parque. O local foi tombado em nível nacional pelo seu **valor estético, arquitetônico e paisagístico** a ele conferido e obteve inscrição no **Livro de Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico**.

Após seu tombamento em 1965, o Parque foi pauta do Conselho Consultivo do IPHAN em 1988, 1998 e 2006 para que fossem avaliadas propostas de construção na área da Marina da Glória, que alterariam o projeto original. Em todas as ocasiões, o Conselho decidiu rejeitar a construção de qualquer edificação não prevista por Reidy e Burle Marx, garantindo a manutenção de toda sua área como *non aedificandi*:

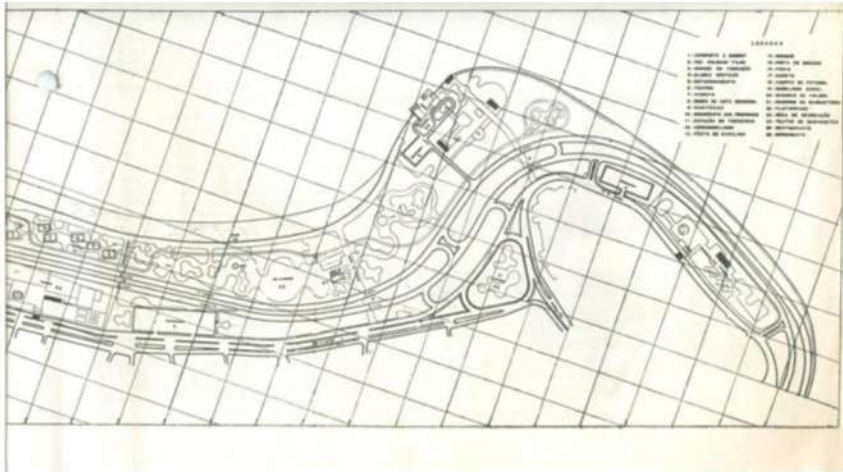
Somos usuários assíduos do nosso Parque do Flamengo, que consideramos principal espaço de lazer para nossas famílias, pela proximidade da nossa moradia e acesso democrático e gratuito que temos a esse belíssimo lugar. Por essa razão, nosso repúdio à privatização do espaço hoje ocupado pela Marina da Glória, cuja ampliação implicará em grandes construções, na perda de áreas, bosques, com cercamento de espaços e da paisagem, beneficiando os ricos e excluindo, mais ainda, a população pobre da cidade. (MARIA GUILHERMINA DE ALEXANDRE, 2006)

Sobre o contexto acima, um estudo realizado pela arquiteta Cláudia Girão Barroso sobre o Aterro do Flamengo revela, na verdade, uma contradição existente. A arquiteta apontou em sua pesquisa (CLÁUDIA GIRÃO, 2011a, 2011b) a intensidade das transformações que o projeto original sofreu ao longo do tempo, tanto na sua massa vegetal, quanto no projeto arquitetônico e urbanístico, no sentido da privatização progressiva de alguns setores.

Em 2016, a Prefeitura construiu na própria Marina da Glória rampas de acesso aos barcos da Baía de Guanabara. Junto a esse fato, uma nova edificação com restaurantes e outros serviços ocupou o mesmo local. A pressão imobiliária na área da Marina reforça a tendência a uma espécie de gentrificação do uso do espaço público, explorado comercialmente para um público elitizado.

Alguns usos populares do Parque foram apresentados como fatores prejudiciais à sua conservação, dentre os quais o “uso de churrasqueiras e a presença de vendedores ambulantes”. Afirmou-se que o “Plano Diretor do parque irá definir um regulamento para evitar práticas inadequadas”. (MÁRCIA REGINA ROMEIRO, 2017)

Analisando todo o contexto em volta do tombamento do Parque do Flamengo, faz-se necessário refletir sobre a construção da paisagem urbana do Rio de Janeiro, as hierarquias sociais, as exclusões e a gentrificação do uso do espaço.



Fonte:

[http://parquedoflamengo.com.br/parque/processo\\_748-T-64\\_tombamento\\_parque\\_do\\_flamengo.pdf](http://parquedoflamengo.com.br/parque/processo_748-T-64_tombamento_parque_do_flamengo.pdf)

## O QUE DIZ A LEGISLAÇÃO?

Processo nº 748-T-64 com inscrição no Livro de Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico.

“Um imóvel tombado ou em processo de tombamento pode ser reformado?

Sim. Toda e qualquer obra, no entanto, deverá ser previamente aprovada pelo órgão que efetuou o tombamento. A aprovação depende do nível de preservação do bem e está sempre vinculada à necessidade de serem mantidas as características que justificaram o tombamento.”

Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/perguntasFrequentes?categoria=9>

# 6

## O RECORTE ESCOLHIDO

Praça: 14.800,00 m<sup>2</sup>



Fonte: Google Maps



# PONTOS DO ENTORNO



-  RESTAURANTE
-  MONUMENTO
-  TEATRO
-  CENTRO DE CULTURA
-  ENSINO
-  ESTACIONAMENTO

## PONTOS CHAVES DO ENTORNO

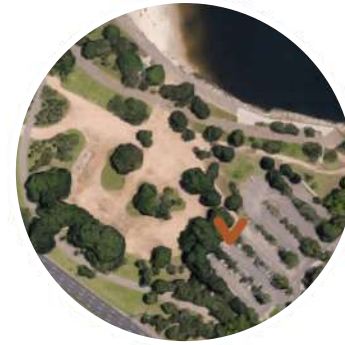


- 1 FOZ DO RIO CARIOCA
- 2 TEATRO DE MARIONETES CARLOS WERNECK
- 3 CHURRASCARIA ASSADOR RIO'S
- 4 MONUMENTO A CUAUHEMOC
- 5 MORRO DA VIÚVA
- 6 MONUMENTO A ESTÁCIO DE SÁ

# MAPA DE MOBILIDADE URBANA



-  CICLOVIA
-  ESTAÇÃO DE METRÔ
-  PONTO DE ÔNIBUS
-  ALUGUEL DE BICICLETA
-  ESTACIONAMENTO



**FOTO 01:** Vista do estacionamento existente.  
Dia útil, 10h00.



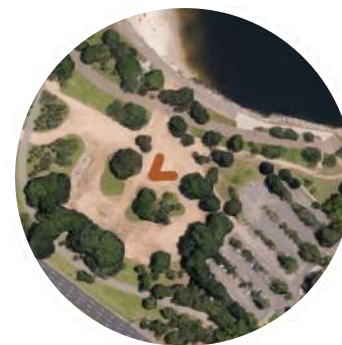
**FOTO 02:** Vista do estacionamento existente.  
Dia útil, 10h00.



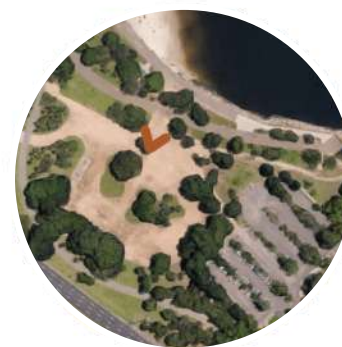
**FOTO 03:** Acesso ao terreno pelo estacionamento.  
Dia útil, 10h00.



**FOTO 04:** Acesso ao terreno pelo estacionamento.  
Dia útil, 10h00.



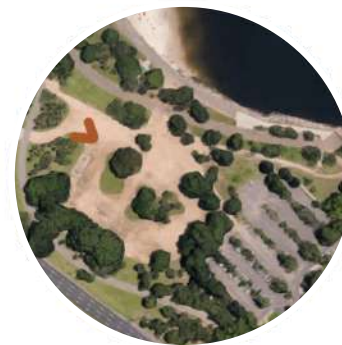
**FOTO 05:** Vista do terreno.  
Dia útil, 10h00.



**FOTO 06:** Vista do terreno.  
Final de semana, 15h00.



**FOTO 07:** Vista do terreno.  
Dia útil, 10h00.



**FOTO 08:** Vista do terreno.  
Final de semana, 15h00.



**FOTO 09:** Vista do terreno.  
Dia útil, 10h00.



**FOTO 10:** Vista do terreno.  
Final de semana, 15h00.





**FOTO 11:** Vista do terreno.  
Final de semana, 15h00.



**FOTO 12:** Vista do terreno.  
Final de semana, 15h00.



**FOTO 13:** Acesso ao terreno pelo deck.  
Dia útil, 10h00.



**FOTO 14:** Vista do deck existente.  
Final de semana, 15h00.



**FOTO 15:** Vista do deck existente.  
Dia útil, 10h00.



**FOTO 16:** Vista do deck existente.  
Final de semana, 15h00.

## ENCONTROS E PERMANÊNCIA NO ENTORNO

Entorno próximo ao terreno.  
Final de semana, 15h00.



MAPA SENSORIAL



ÁRVORE  
ABRICO

ÁRVORE  
PALMEIRA

ÁRVORE  
HIBISCUS AMARELO

PÁSSAROS  
BEM-TE-VI

ÁRVORE  
ENTEROLOBIUM

ÁRVORE  
PÂNDANO

ÁRVORE  
ABRICO

# 7

## REFERÊNCIAS PROJETAIS

### CENTRO CULTURAL JEAN-MARIE TJIBAOU Renzo Piano - 1998



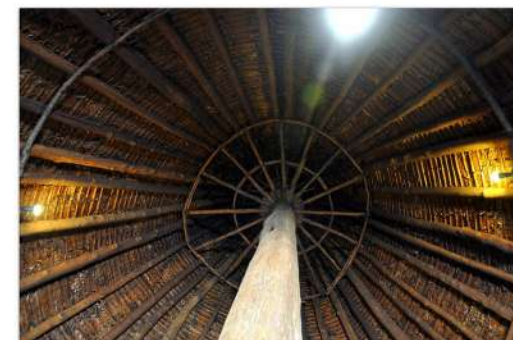
Fonte: [www.archdaily.com.br/br/791537/ad-classics-centre-culturel-jean-marie-tjibaou-renzo-piano](http://www.archdaily.com.br/br/791537/ad-classics-centre-culturel-jean-marie-tjibaou-renzo-piano)

Em 1991, o governo francês do arquipélago Nova Caledônia financiou um concurso internacional para a criação de um **centro que homenagearia a cultura nativa Kanak**. Na raiz dessa decisão, estava a longa e complexa disputa entre os povos Kanak e os governantes franceses do arquipélago.

A ilha sofria com exploração de recursos naturais, opressão cultural e escravização dos Kanak há anos e passou por um longo movimento de independência, conduzido por Jean-Marie Tjibaou, a quem o Centro é nomeado.

Foi neste contexto que Renzo Piano, arquiteto italiano, venceu o concurso idealizado como um **“reconhecimento necessário a uma cultura marginalizada”**.

Compatibilizar o programa de um centro cultural com a construção de um símbolo da civilização Kanak que, no entanto, **se afastasse da “imitação folclórica”**, foi uma questão fundamental na realização do projeto. Renzo Piano foi cirúrgico quando **usou as casas dos chefes tradicionais Kanak como ponto de partida para o projeto**, desconstruindo sua forma para criar uma sequência monumental de conchas arejadas e arredondadas.

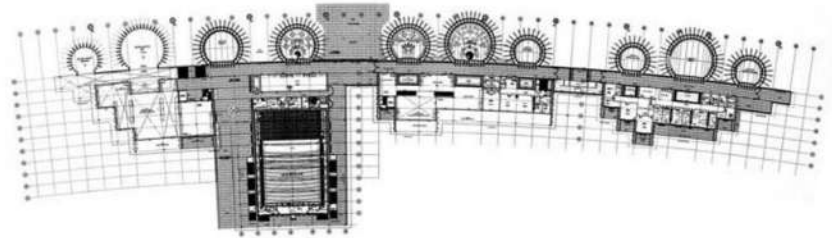


Fonte: [www.archdaily.com.br/br/791537/ad-classics-centre-culturel-jean-marie-tjibaou-renzo-piano](http://www.archdaily.com.br/br/791537/ad-classics-centre-culturel-jean-marie-tjibaou-renzo-piano)

Com design efêmero e icônico, dez dessas conchas se estendem ao longo da encosta, variando em altura de 20 a 28 metros. No interior delas, acontece uma coreografia de espaços íntimos, museus e a paisagem da ilha, como uma espécie de ritual que aprofunda o **senso de pertencimento dos habitantes**.

Seguindo as premissas Kanak, o conceito de Piano enfatiza a influência do local e do ambiente como determinantes para o projeto. As **conchas foram concebidas a partir de métodos de construção tradicionais** e são feitas de materiais que representam a textura das árvores do entorno.

Os volumes foram organizados em um layout semelhante ao das aldeias tradicionais Kanak e dependem da circulação de ar contínua entre espaços internos e externos.



Fonte: [www.archdaily.com.br/br/791537/ad-classics-centre-culturel-jean-marie-tjibaou-renzo-piano](http://www.archdaily.com.br/br/791537/ad-classics-centre-culturel-jean-marie-tjibaou-renzo-piano)

O efeito final é orgânico e atraente e o projeto se tornou um grande fenômeno internacional.

Dos seus aspectos gerais até os mais específicos, **a arquitetura de Renzo Piano não busca mimetizar-se com as tradições locais**, mas sim nutrir-se de sua autenticidade para criar uma leitura própria.

O Centro Cultural Jean-Marie Tjibaou é a materialização de um cuidadoso esforço para encontrar o **equilíbrio entre tradição e tecnologia, memória e modernidade**.

Em última análise, é importante entendermos que o abismo dos problemas sociopolíticos é muito mais profundo do que a Arquitetura pode preencher. Mesmo projetos célebres possuem limites e não podem solucioná-los, mas, ainda assim, não deixam de ser homenagens necessárias e de muito valor.

## SERPENTINE PAVILION

Diébédo Francis Kéré - 2017

O Serpentine Pavilion 2017 foi projetado por Diébédo Francis Kéré (Arquitetura Kéré) e inaugurado em Londres. Concebido como "uma estrutura comunitária dentro dos Jardins de Kensington", o pavilhão foi projetado para **fundir conscientemente as referências culturais da cidade natal de Kéré (Gando, em Burkino Faso), com técnicas de construção experimental**. O arquiteto espera que o pavilhão, como condensador social, "se torne um farol de luz, um **símbolo para narrativas e união**". Sobre isso, o arquiteto cita:

Em Burkina Faso, **a árvore é um lugar onde as pessoas se reúnem**, onde as atividades cotidianas se desenvolvem sob a sombra de seus ramos. Meu projeto para o Serpentine Pavilion tem uma grande cobertura suspensa feita de aço e uma **pele transparente** cobrindo a estrutura, que permite que a **luz do sol penetre o espaço**, protegendo-o da chuva. Os elementos de sombreamento de madeira alinham a parte inferior do telhado para criar um efeito dinâmico de sombra nos espaços interiores. Esta combinação de características promove um **senso de liberdade e comunidade**; como a sombra dos ramos de árvores, o Pavilhão se torna um **lugar onde as pessoas podem se reunir e compartilhar suas experiências diárias**.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/874103/serpentine-pavilion-de-diebedo-francis-kere-e-inaugurado-em-londres>



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/874103/serpentine-pavilion-de-diebedo-francis-kere-e-inaugurado-em-londres>

Ainda sobre a construção, uma **grande cobertura de madeira**, apoiada por uma estrutura de aço escondida, foi **esculpida para mimetizar a cobertura de uma árvore**. Quatro entradas conduzem a um **pátio central aberto**, no qual o ar fresco pode circular livremente.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/874103/serpentine-pavilion-de-diebedo-francis-kere-e-inaugurado-em-londres>



## THREAD ARTIST RESIDENCY & CULTURAL CENTER

Toshiko Mori - 2014

Localizado no Senegal, o centro sócio-cultural oferece aos artistas locais e visitantes um lugar para praticar seus ofícios, para os alunos aprenderem e para os moradores se reunirem.

O local é hoje um pólo para as aldeias vizinhas, proporcionando formação agrícola nas terras férteis da zona e um **ponto de encontro** para a organização social.

O arquiteto responsável elaborou o design digital da cobertura paramétrica que foge da forma óbvia. Com vão central aberto, **o telhado é feito de palha de grama seca e bambu** e foi **executado por um artesão local**.



Fonte:

[www.architectmagazine.com/project-gallery/thread-artist-residency-cultural-centre\\_o](http://www.architectmagazine.com/project-gallery/thread-artist-residency-cultural-centre_o)



Fonte:

[www.architectmagazine.com/project-gallery/thread-artist-residency-cultural-centre\\_o](http://www.architectmagazine.com/project-gallery/thread-artist-residency-cultural-centre_o)

## MUSEU DE ARTE TESHIMA

Ryue Nishizawa - 2010

Com uma arquitetura única, o museu encontra-se em um terreno arborizado, rodeado por campos de arroz e próximo ao mar.

Estruturalmente, a edificação em forma de concha e feita de concreto é desprovida de pilares, com um espaço linear de 40 por 60 metros. No teto, duas **aberturas ovais** de 4,5 metros **permitem que o ar, a luz e os sons externos adentrem** o espaço, onde a **natureza orgânica e a arquitetura parecem intimamente interligadas**.

O Museu de Arte Teshima foge do conceito de um museu tradicional, uma vez que trabalha o **princípio do vazio, sendo ele a própria obra de arte, unido aos elementos da natureza** que o rodeiam.

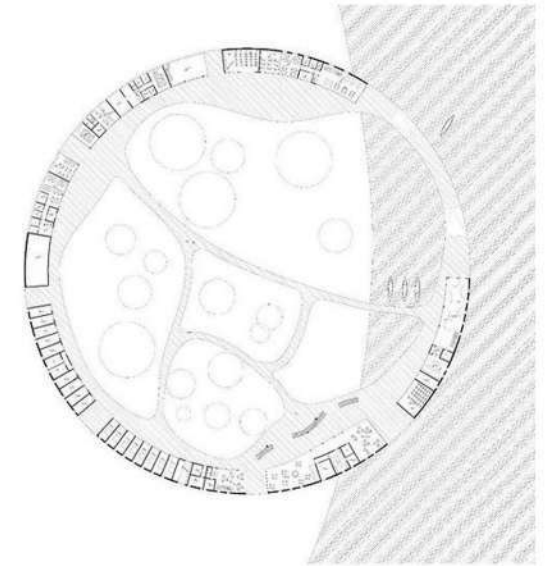


Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/886355/museu-de-arte-teshima-ryue-nishizawa>



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/886355/museu-de-arte-teshima-ryue-nishizawa>

**PROJETO PARA A SEDE DO INSTITUTO XINGU ARITANA**  
Triptyque Architecture



Fonte: [www.instagram.com/triptyquearchitecture](https://www.instagram.com/triptyquearchitecture)

# 8

## O PROJETO ARQUITETÔNICO

### PREMISSAS PROJETUAIS

- \_ Espaço público;
- \_ Uso de técnicas indígenas;
- \_ Uso de matérias primas ancestrais;
- \_ Forma circular;
- \_ Arquitetura permeável;
- \_ Praça aberta central;
- \_ Espaços livres, onde os visitantes podem definir o uso deles;
- \_ Ausência de hierarquia;
- \_ Relação direta entre usuário e espaço;
- \_ Local de encontro, contemplação e permanência.

CENTRO  
PERMEÁVEL  
ANCESTRAL  
NATUREZA  
PÚBLICO  
HERANÇAS  
CULTURAS  
LIVRE  
VALORIZAÇÃO  
PERMANÊNCIA  
MEMÓRIAS  
ENCONTROS

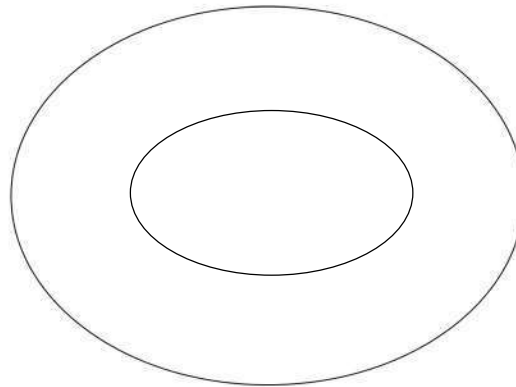


## ESTUDO DA FORMA

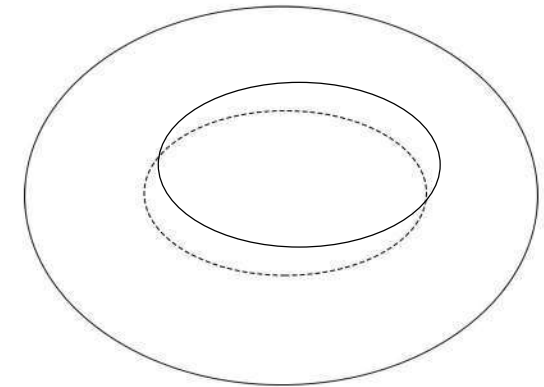


Aldeia Yanomami

Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yanomami>



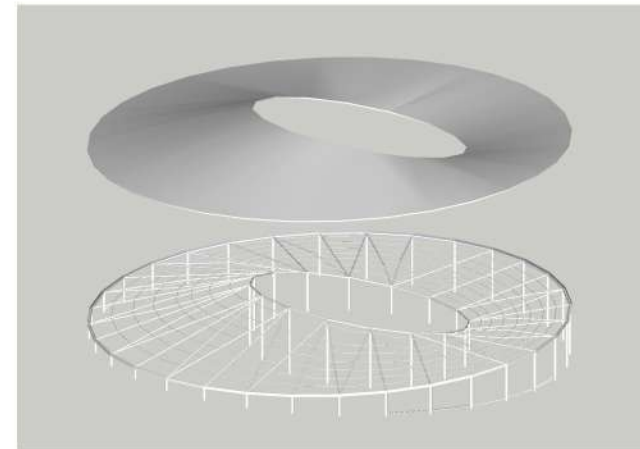
Estudo da forma circular  
com vão central aberto



Descentralização do vão



Maquete esquemática para estudo da forma  
circular abraçando as árvores centrais  
existentes no terreno



Estudo da forma e da estrutura  
com diferentes alturas

**IMPLANTAÇÃO**



PRAIA DO FLAMENGO

PARQUE ATERRO  
DO FLAMENGO

CALÇADÃO

DECK

RIO CARIOCA - FOZ

A

B

A

A

B

ESTACIONAMENTO

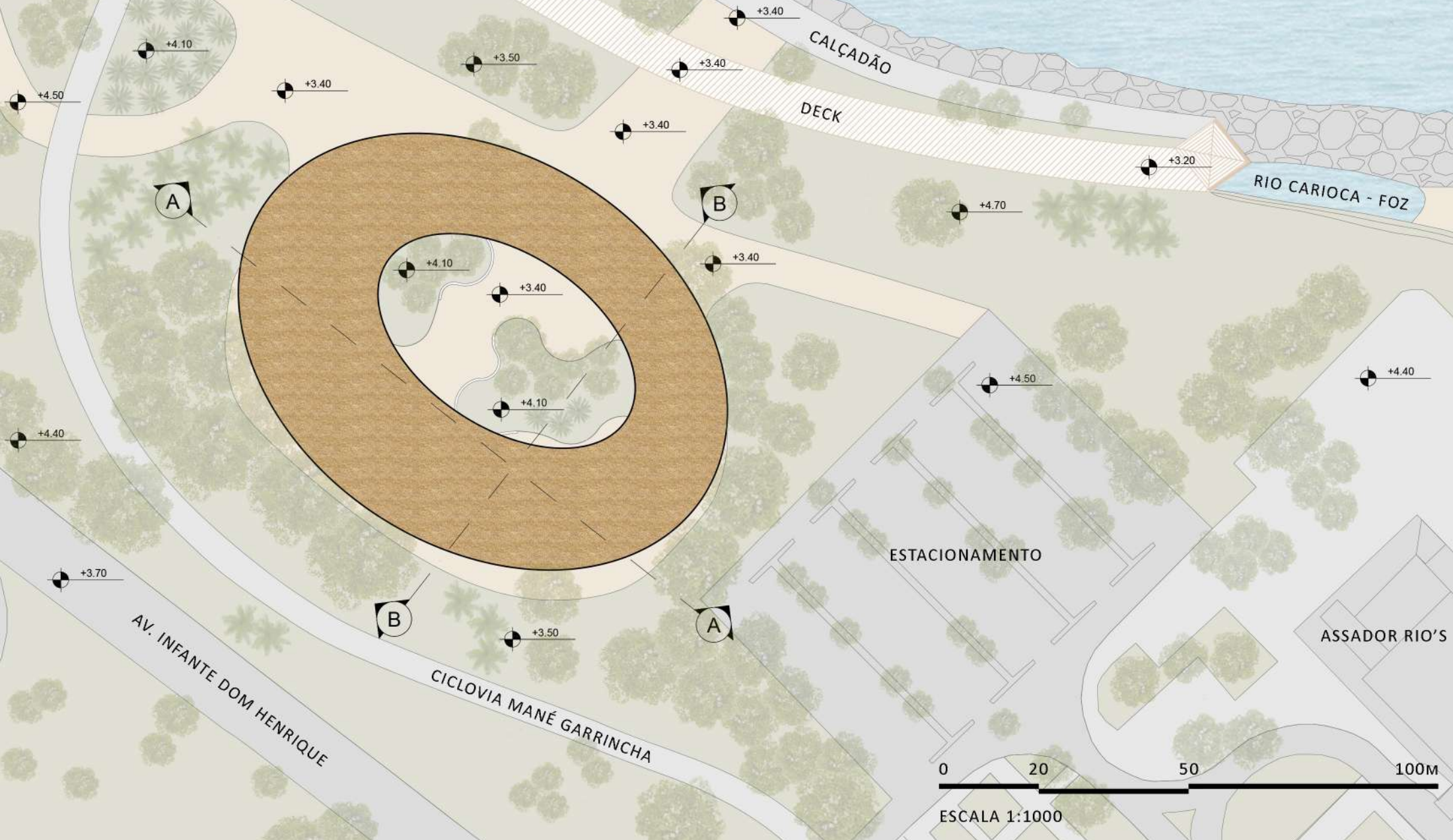
ASSADOR RIO'S

AV. INFANTE DOM HENRIQUE

CICLOVIA MANÉ GARRINCHA

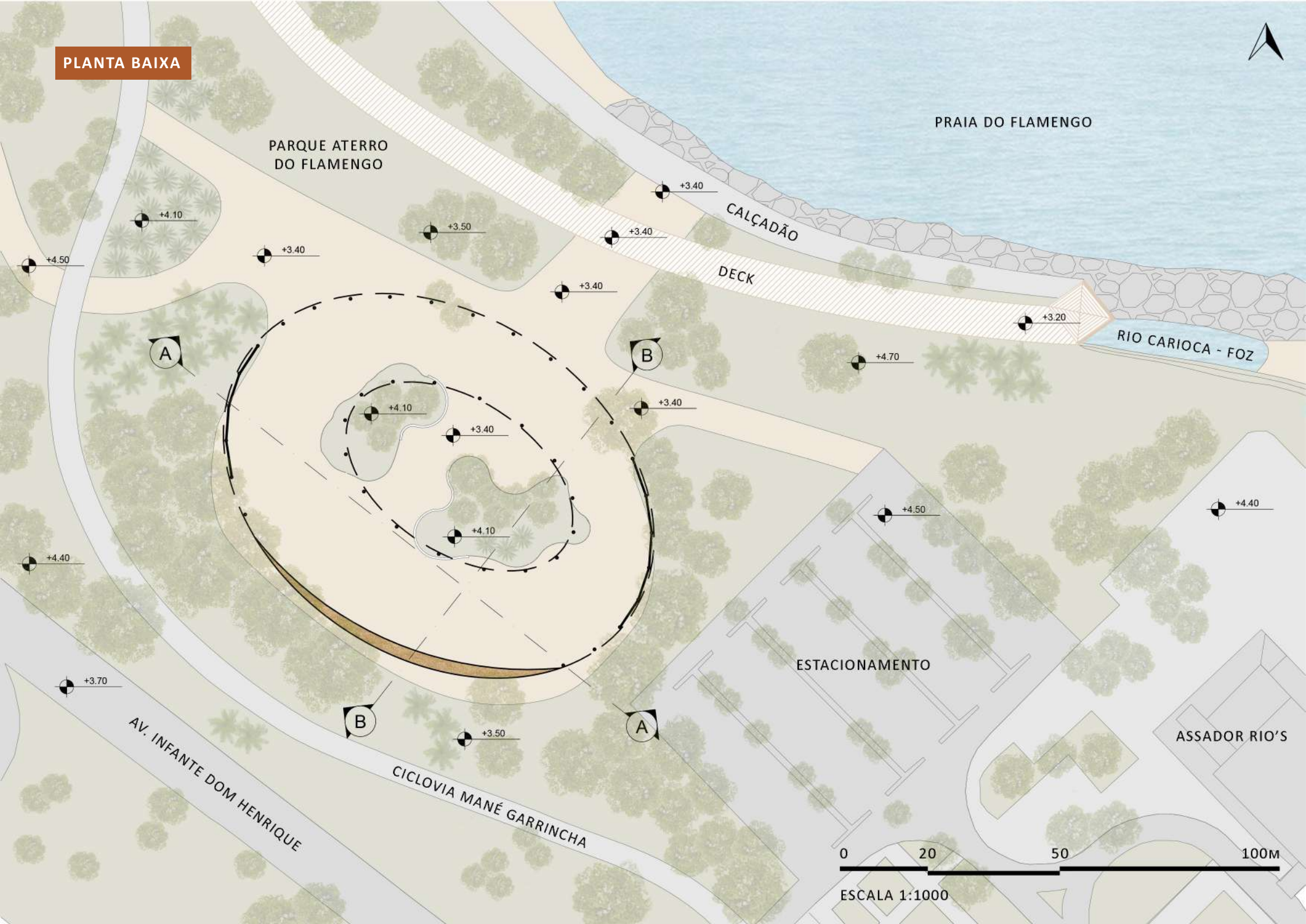
0 20 50 100M

ESCALA 1:1000



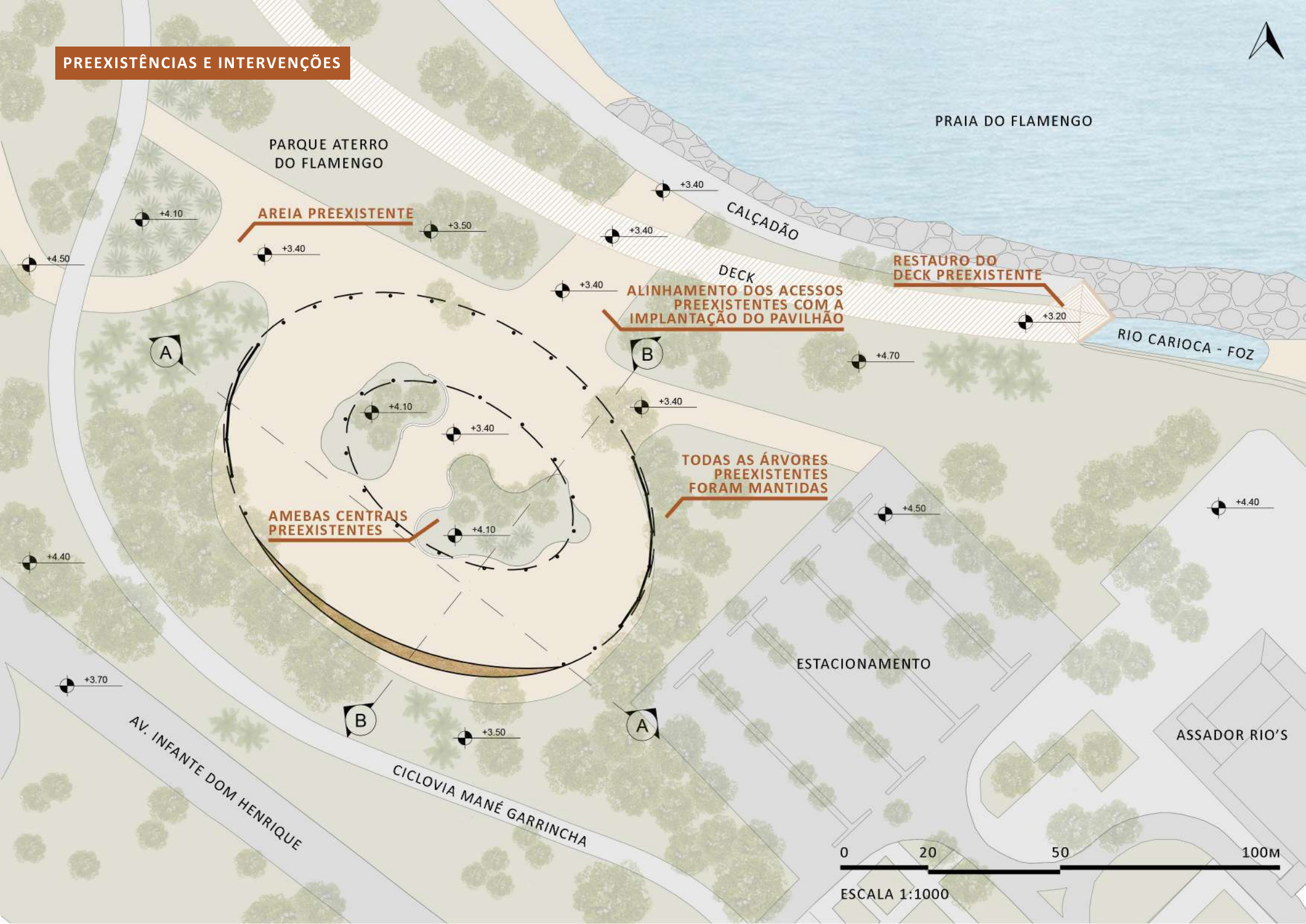


PLANTA BAIXA



ESCALA 1:1000

# PREEXISTÊNCIAS E INTERVENÇÕES



ESCALA 1:1000

**ACESSOS**



PRAIA DO FLAMENGO

PARQUE ATERRO DO FLAMENGO

CALÇADÃO

DECK

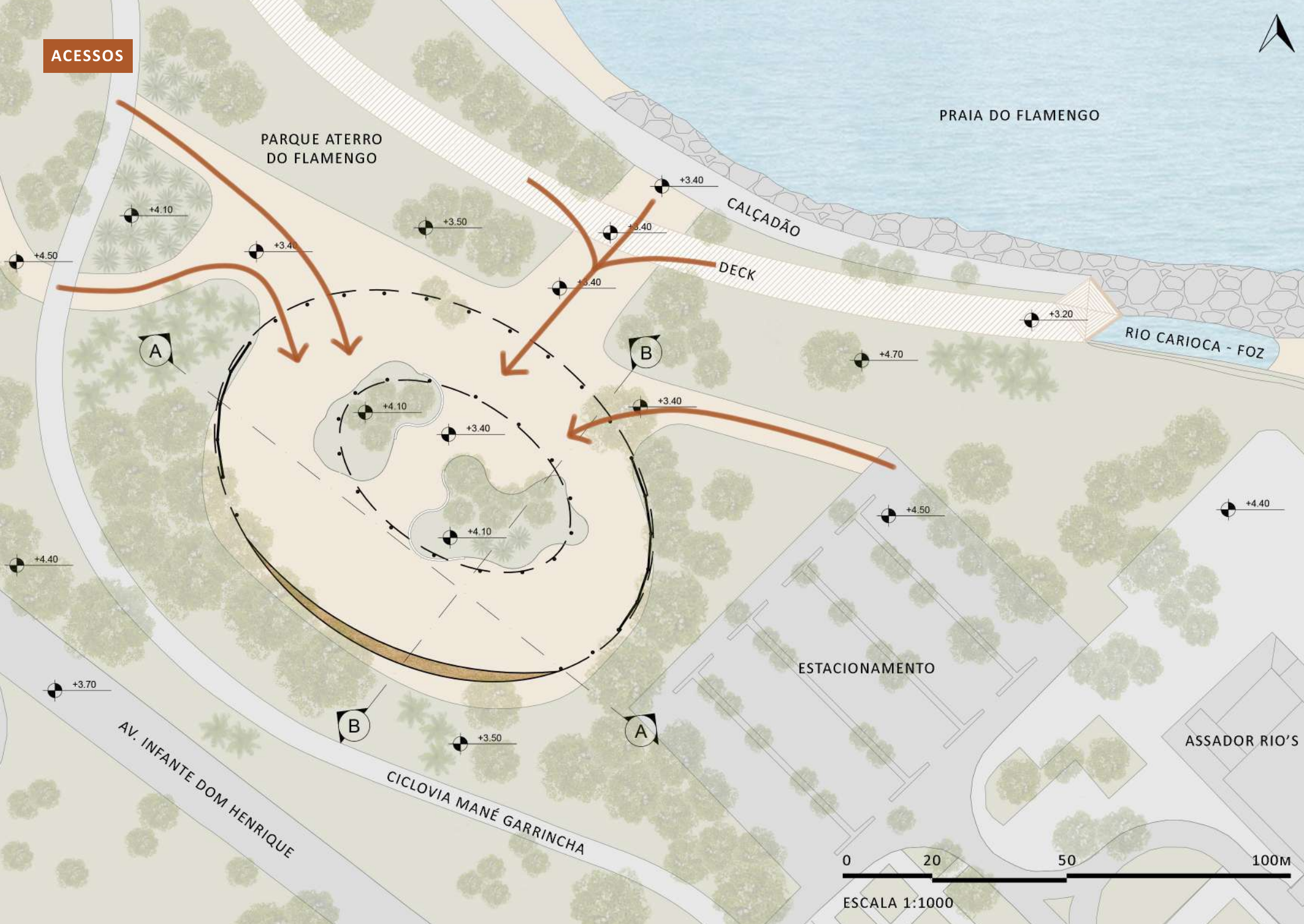
RIO CARIOCA - FOZ

ESTACIONAMENTO

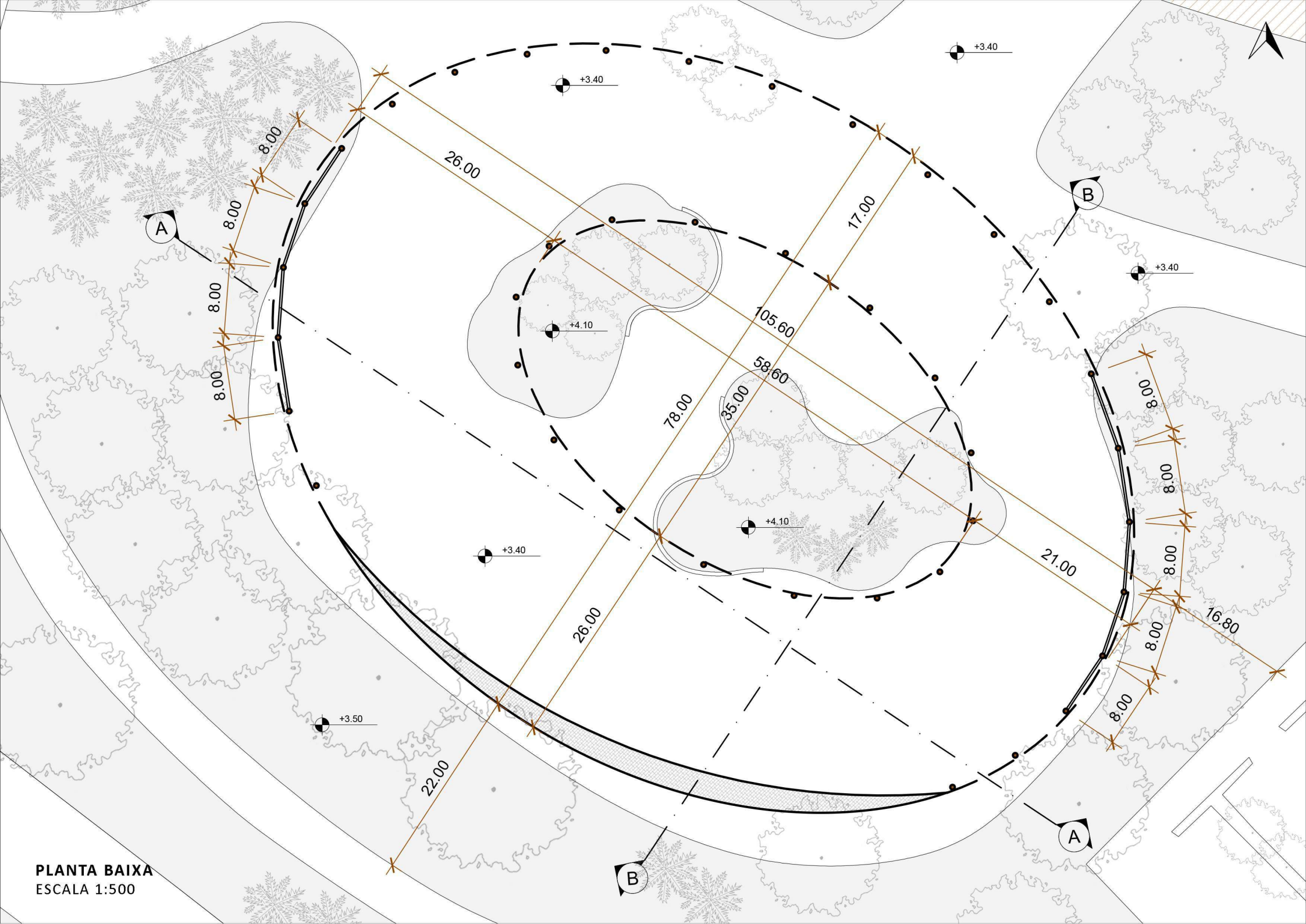
ASSADOR RIO'S

AV. INFANTE DOM HENRIQUE

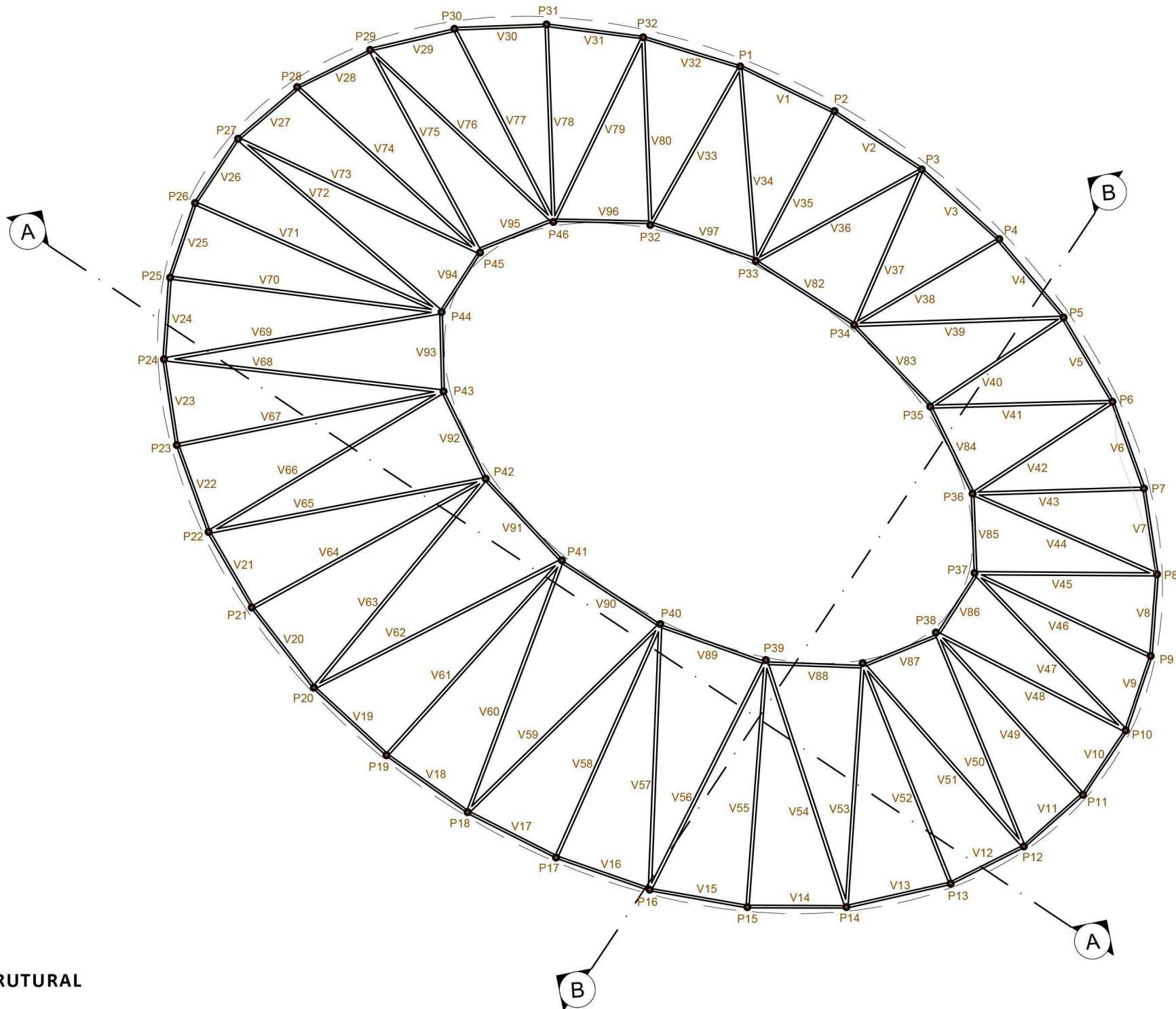
CICLOVIA MANÉ GARRINCHA



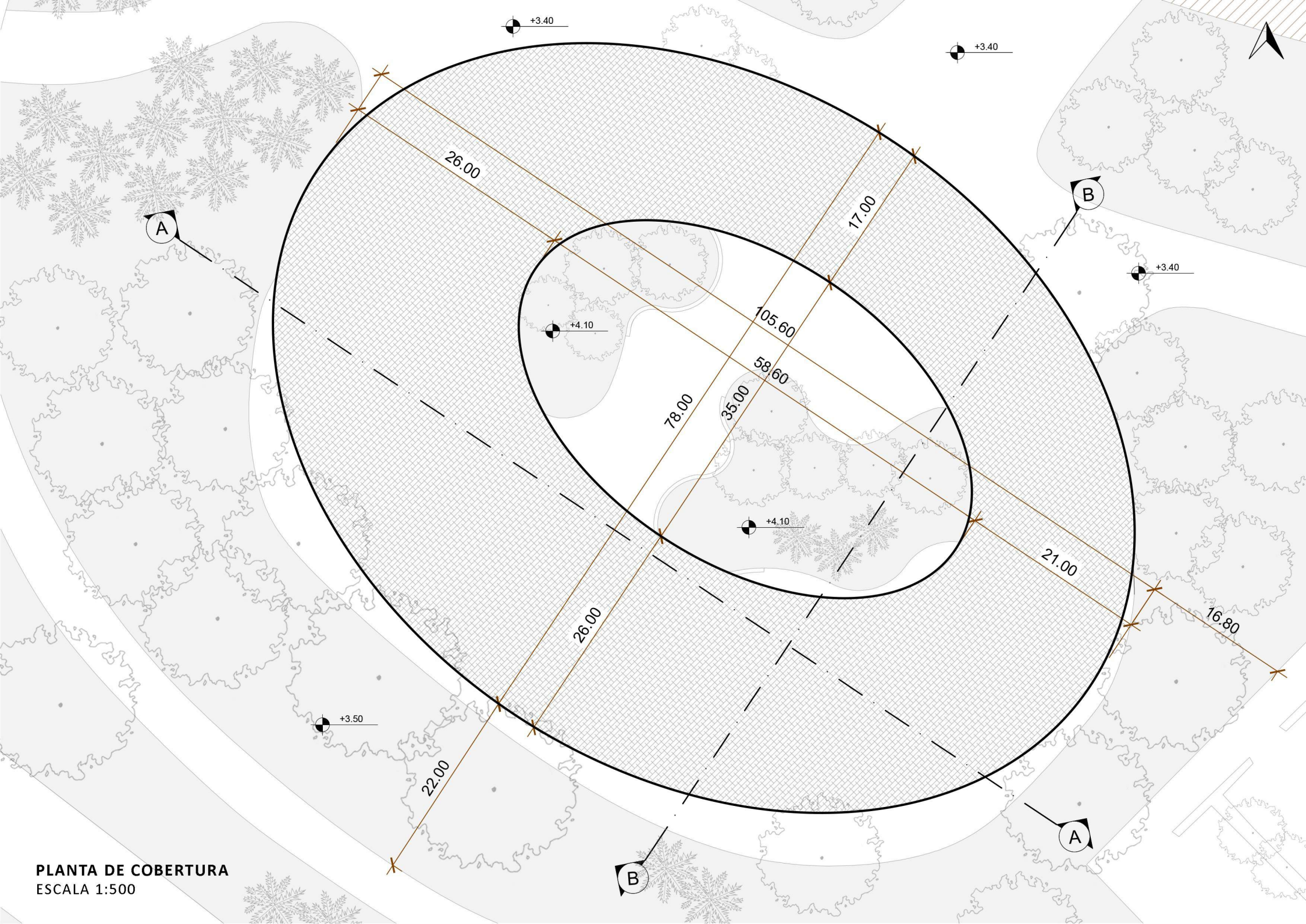
ESCALA 1:1000



**PLANTA BAIXA**  
**ESCALA 1:500**



**PLANTA ESTRUTURAL**  
ESCALA 1:500



**PLANTA DE COBERTURA**  
ESCALA 1:500

+3.40

+3.40

+3.40

+4.10

+4.10

+3.50

A

B

B

A

26.00

17.00

105.60

58.60

78.00

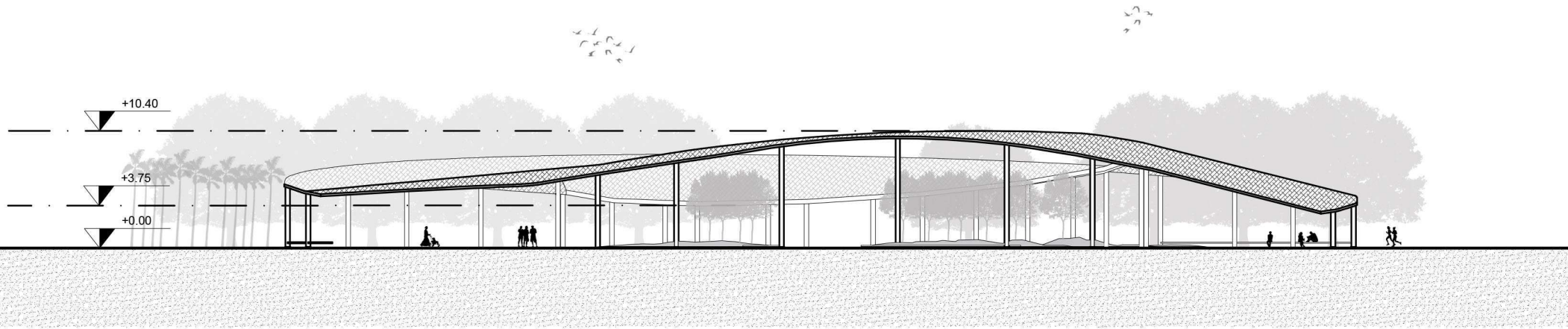
35.00

21.00

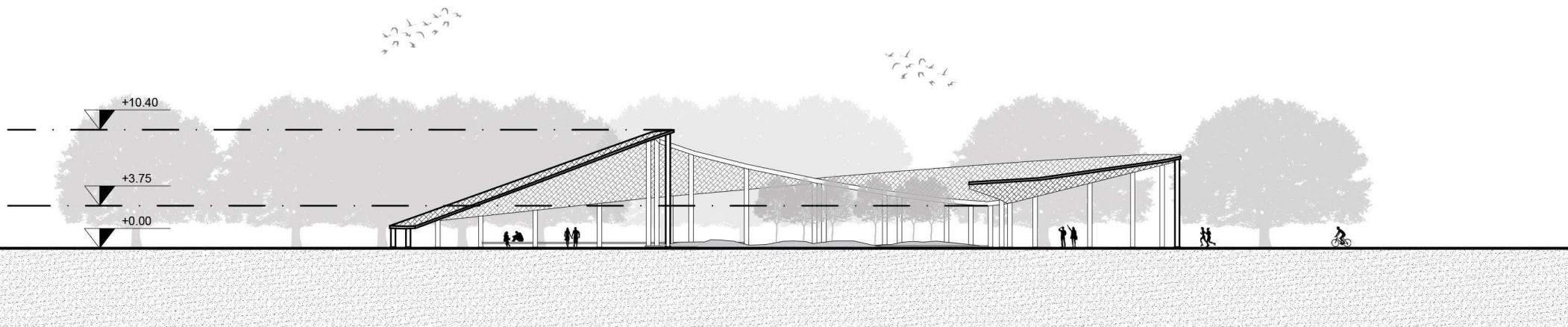
16.80

26.00

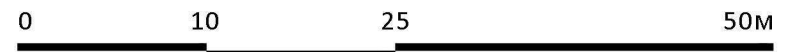
22.00



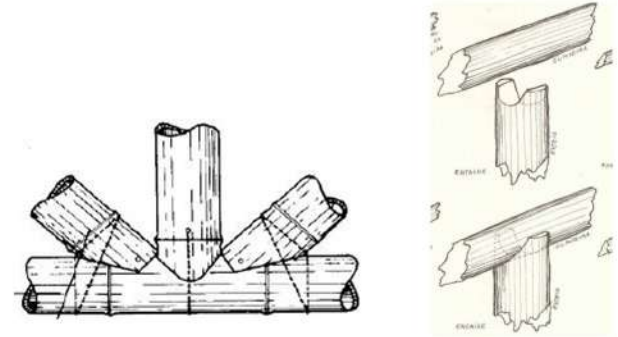
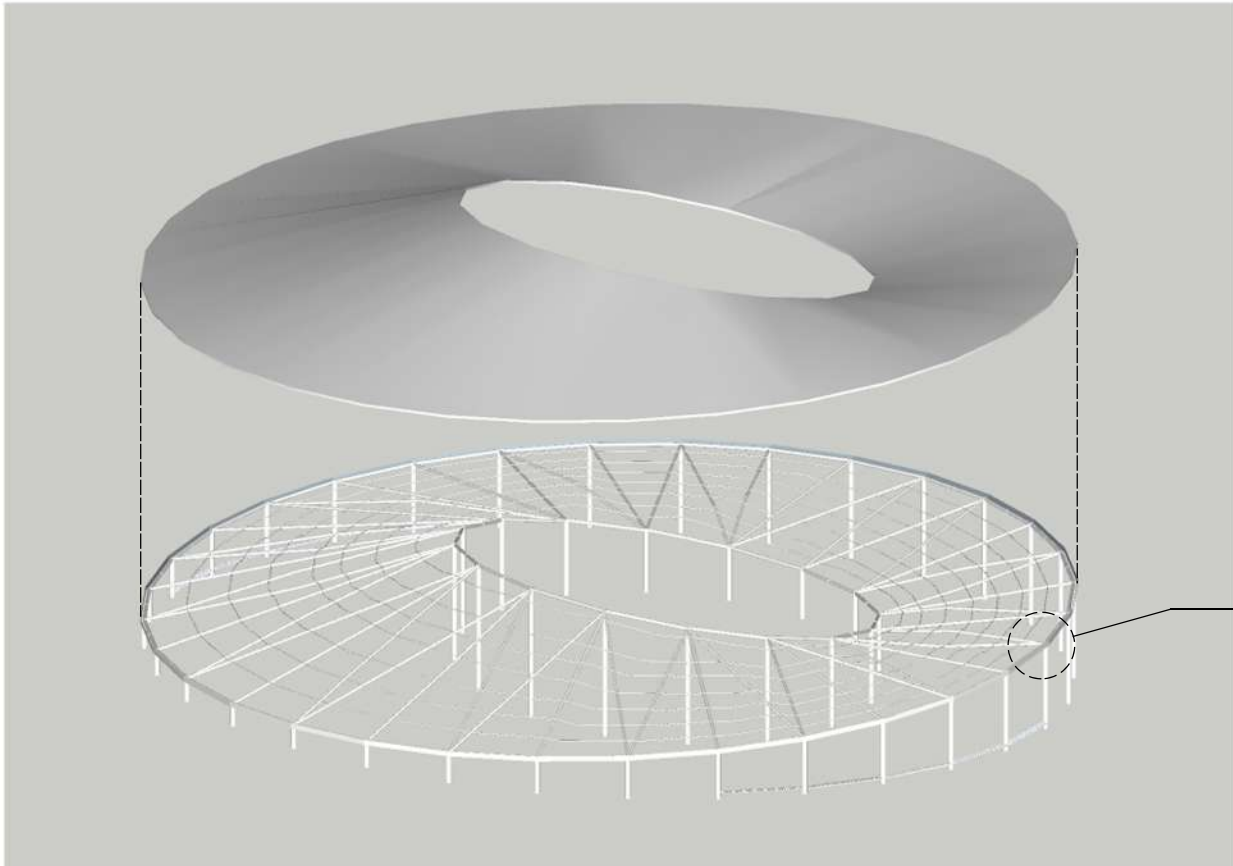
**CORTE AA'**



**CORTE BB'**



ESCALA 1:500

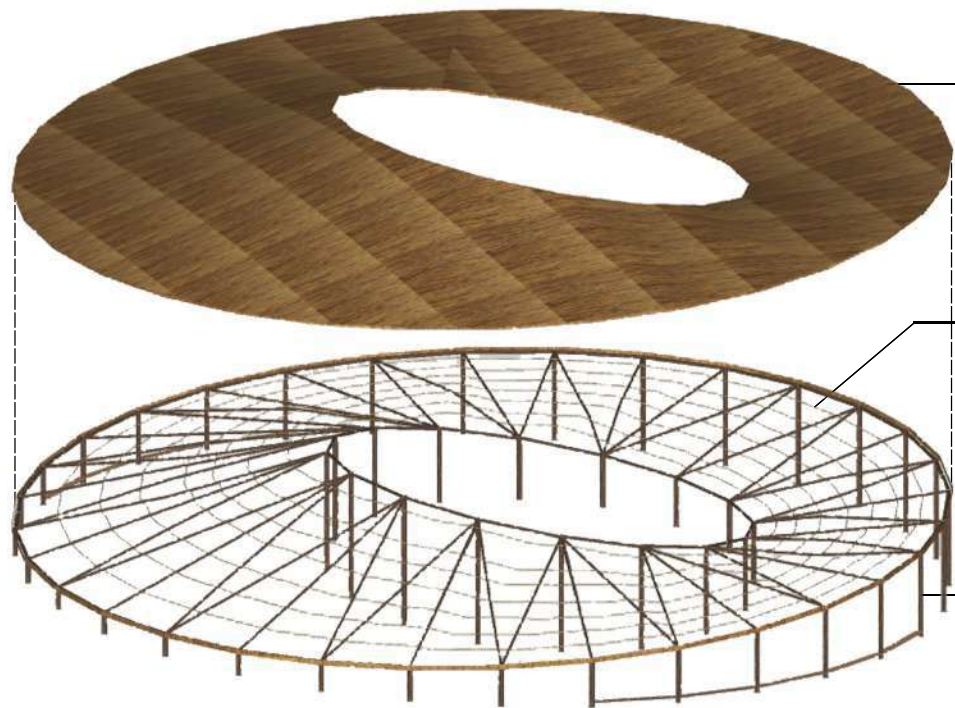


ENCAIXE ENTRE VIGAS E PILARES

FONTES:  
[WWW.UNIAOEUCALIPTOTRATADO.COM/USABILIDADE/CONSTRUCAO-COM-EUCALIPTO-TRATADO](http://WWW.UNIAOEUCALIPTOTRATADO.COM/USABILIDADE/CONSTRUCAO-COM-EUCALIPTO-TRATADO) ;  
[WWW.CAURN.GOV.BR/?P=10213](http://WWW.CAURN.GOV.BR/?P=10213)



**ESTRUTURA E MATERIAIS**



**COBERTURA:  
PALHA DE PIAÇAVA**



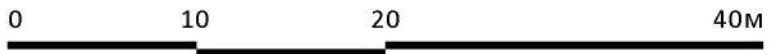
**CAIBROS:  
BAMBU**



**VIGAS E PILARES:  
EUCALIPTO AUTOCLAVADO**

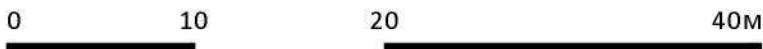
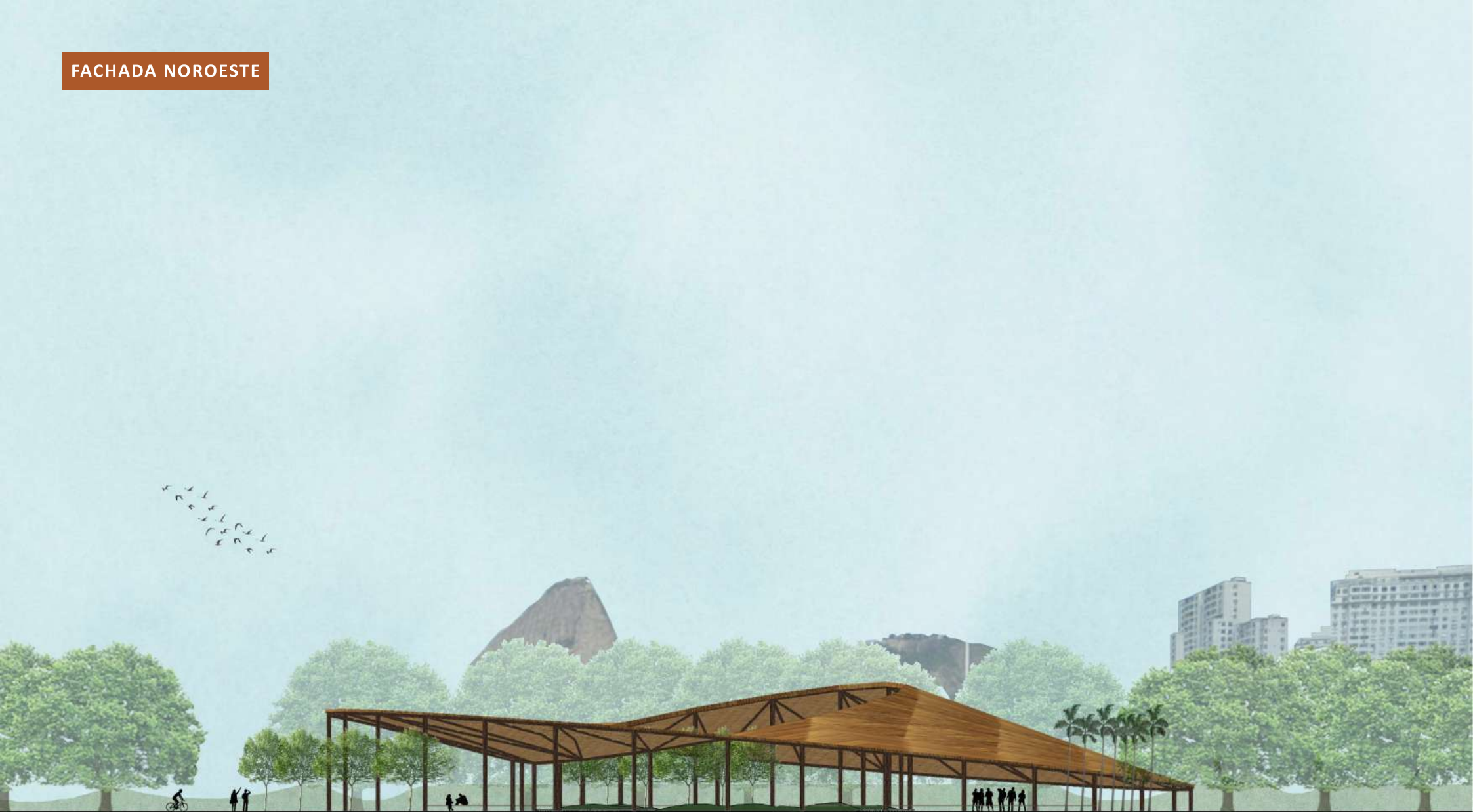


FACHADA NORDESTE



ESCALA 1:400

FACHADA NOROESTE



ESCALA 1:400

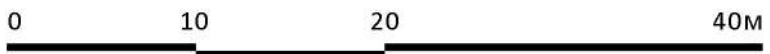
FACHADA SUDOESTE



0 10 20 40M

ESCALA 1:400

FACHADA SUDESTE



ESCALA 1:400

# DETALHE E ESPECIFICAÇÕES

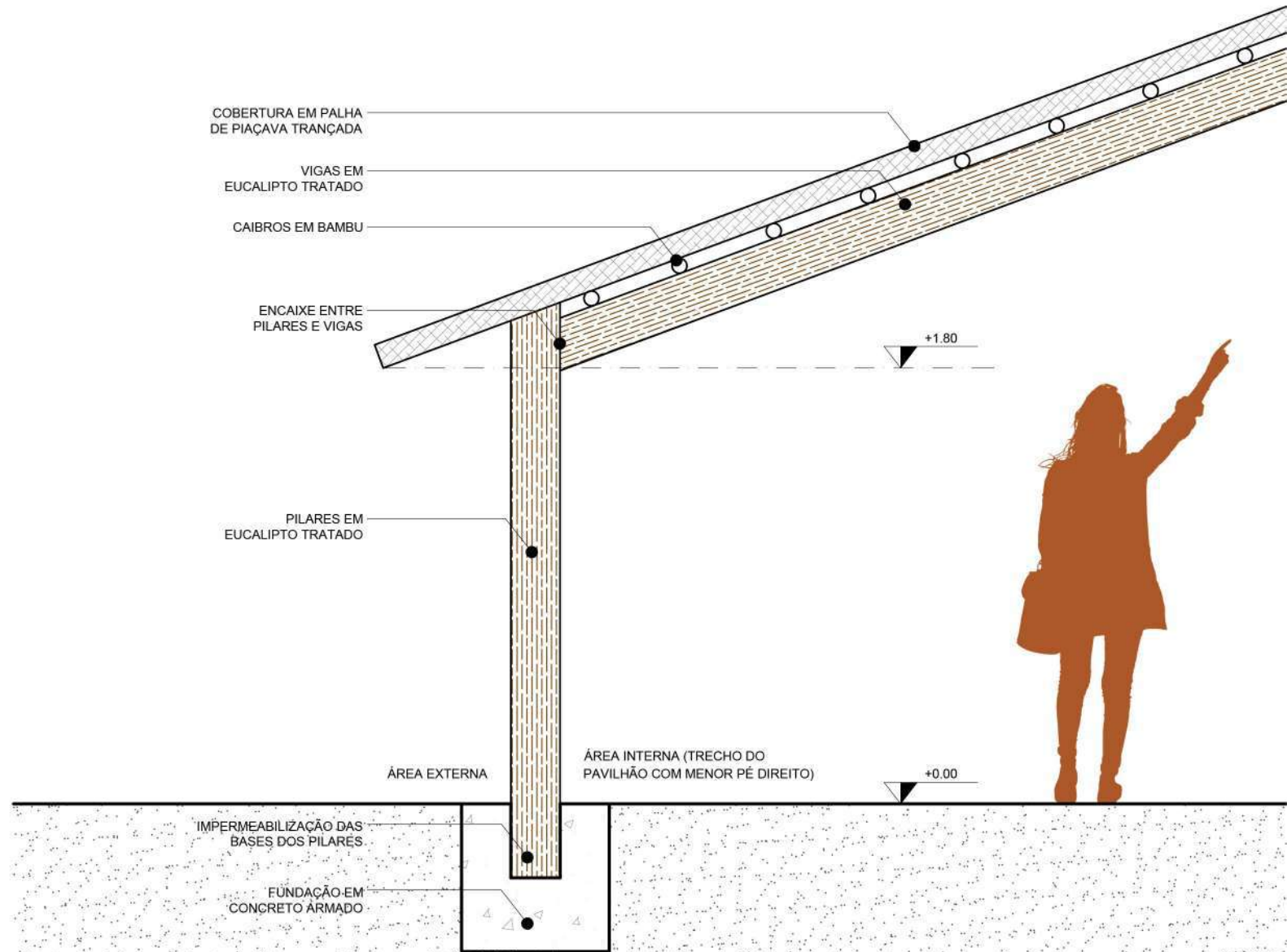


IMAGEM 01



IMAGEM 02





IMAGEM 03



IMAGEM 04



IMAGEM 05





IMAGEM 07



# 9

## BIBLIOGRAFIA

**1** Arquitetura Pataxó: histórias e técnicas vernaculares. Realização de Igor de Vetyemy. Paraty: lab-Rj Compartilha, 2021. 2 videoaulas (251 min.). Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1H7dFfsOPVVfezZj0XjGQ94bnkFoLyt7a/view?ts=609dbd38>. Acesso em: 13 maio 2021.

**2** MAAKAROUN, Bertha. Livro 'Rio antes do Rio' mostra que os cariocas originais eram tupinambás. 2020. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2020/02/21/interna\\_pensar,1123371/livro-rio-antes-do-rio-mostra-que-os-cariocas-originais-eram-tupinambas.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2020/02/21/interna_pensar,1123371/livro-rio-antes-do-rio-mostra-que-os-cariocas-originais-eram-tupinambas.shtml). Acesso em: 12 jul. 2021.

**3** SILVA, Rafael Freitas da. O Rio antes do Rio. 4. ed. Rio de Janeiro: Babilônia, 2019. 472 p.

**4** WIKIPÉDIA. Carioca. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Carioca>. Acesso em: 12 jul. 2021.

**5** PATRIMÔNIO Imaterial. Disponível em: <http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-acoess/patrimonio-cultural/principais/textos/patrimonio-imaterial>. Acesso em: 12 jul. 2021.

**6** OXFORD LANGUAGES. Valor. Disponível em: [https://www.google.com/search?q=significado+valor&rlz=1C1CHBD\\_pt-PTBR775BR776&oq=significado+valor&aqs=chrome..69i57j0i512i9.2977j1j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=significado+valor&rlz=1C1CHBD_pt-PTBR775BR776&oq=significado+valor&aqs=chrome..69i57j0i512i9.2977j1j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8). Acesso em: 12 jul. 2021.

PORTOCARRERO, José Afonso Botura. TECNOLOGIA INDÍGENA EM MATO GROSSO: HABITAÇÃO. 2. ed. Cuiabá: Entrelinhas, 2010. 256 p. Disponível em: [https://www.entrelinhaseditora.com.br/uploads/produtopdf/Tecnologia\\_Indigena\\_2018\\_portugues.pdf](https://www.entrelinhaseditora.com.br/uploads/produtopdf/Tecnologia_Indigena_2018_portugues.pdf). Acesso em: 12 jul. 2021.

FUNAI (Rio de Janeiro). Museu do índio. Disponível em: <http://www.museudoindio.gov.br/>. Acesso em: 12 jul. 2021.

PIMENTEL, Márcia. O legado indígena na cidade e no povo carioca. 2014. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/826-o-legado-indigena-na-cidade-e-no-povo-carioca>. Acesso em: 12 jul. 2021.

SOUZA, Elisa de. 'O Rio antes do Rio' recria história da cidade antes da colonização. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/rio-450-anos/noticia/2015/12/o-rio-antes-do-rio-recria-historia-da-cidade-antes-da-colonizacao.html>. Acesso em: 12 jul. 2021.

REDAÇÃO RBA. Mostra aborda história e cultura de povos indígenas do Rio de Janeiro. 2017. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cultura/2017/05/mostra-aborda-historia-e-cultura-de-povos-indigenas-do-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 12 jul. 2021.

FREIRE, João. REFLEXÕES SOBRE GUAJUJIÁ: a ancestralidade que nos leva ao futuro. 2020. Disponível em: <https://rioantigo.org/dia-indio-ancestralidade-indigena-futuro/>. Acesso em: 12 jul. 2021.

LANGDON, David. Clássicos da Arquitetura: Centro Cultural Jean-Marie Tjibaou / Renzo Piano. 2016. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/791537/ad-classics-centre-culturel-jean-marie-tjibaou-renzo-piano>. Acesso em: 12 jul. 2021.

OLIVEIRA, Ana Rosa de. Centro Cultural Jean Marie Tjibaou em Nouméa. 2005. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.063/431>. Acesso em: 12 jul. 2021.

CASAS. Disponível em: <https://mirim.org/pt-br/como-vivem/casas>. Acesso em: 01 out. 2021.

TRONCARELLI, Ruth. Arquitetura Indígena Xinguana: Um Estudo das Representações. Disponível em: <https://sites.usp.br/icht2019/wp-content/uploads/sites/416/2019/07/ARQUITETURA-INDIGENA-XINGUANA-UM-ESTUDO-DAS-REPRESENTACAO-A70CC83ES.pdf>. Acesso em 01 out. 2021.

MOREIRA, Susanna. O que podemos aprender com a arquitetura indígena? 2021. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/927142/o-que-podemos-aprender-com-a-arquitetura-indigena>. Acesso em: 01 out. 2021.

AULA 2b - Arquitetura INDÍGENA. Realização de Reinaldo Guedes Machado. Brasília: Unb, 2017. (13 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EKAAlnrYihs&t=26s>. Acesso em: 01 out. 2021.

SÁ, Cristina. Observações sobre a Habitação em três grupos indígenas brasileiros. In: NOVAES, Sylvia Caiubi (organizadora). Habitações indígenas. São Paulo: Nobel Editora da Universidade de São Paulo, 1983.

SÁ, Cristina C. Da Costa; CÔRREA, Eduardo Henrique Bacellar. Habitação Indígena no Alto Xingu. In: SILVEIRA, Ênio. Encontros com a Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. (Encontros com a Civilização Brasileira, Volume 12).

HERNÁNDEZ, Diego. Museu de Arte Teshima / Ryue Nishizawa. 2018. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/886355/museu-de-arte-teshima-ryue-nishizawa>. Acesso em: 01 out. 2021.

AD EDITORIAL TEAM. Serpentine Pavilion de Diébédo Francis Kéré é inaugurado em Londres. 2017. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/874103/serpentine-pavilion-de-diebedo-francis-kere-e-inaugurado-em-londres>. Acesso em: 01 out. 2021.

TRONCARELLI, Ruth Cuiá. Arquitetura indígena Alto Xinguana: um estudo das representações. 2018. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)-Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Orientador: Artur ROZESTRATEN.

DONATO, Lila. Sistemas construtivos tradicionais no Brasil - Arquitetura Indígena. 2014. Disponível em: [https://pt.slideshare.net/liladonato/sistemas-construtivos-tradicionais-no-brasil-arquitetura-indigena?from\\_action=save](https://pt.slideshare.net/liladonato/sistemas-construtivos-tradicionais-no-brasil-arquitetura-indigena?from_action=save). Acesso em: 01 out. 2021.

MENEZES, Maria Lucia Pires. O Aterro e o Parque do Flamengo. 50 anos de espaço público. Sucessos e conflitos. Biblio3W Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales, 2017.

CASTRO, Fernanda. Residência do Novo Artista em Senegal / Toshiko Mori. 2015. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/767885/residencia-do-novo-artista-em-senegal-toshiko-mori>. Acesso em: 15 dez. 2021.

ATERRO do Flamengo. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Aterro\\_do\\_Flamengo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Aterro_do_Flamengo). Acesso em: 01 fev. 2022.

O ATERRO do Flamengo: marco paisagístico. Disponível em: <http://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/estude/historia-do-brasil/rio-de-janeiro/71-um-rio-de-muitos-janeiros/3358-o-aterro-do-flamengo-marco-paisagistico>. Acesso em: 01 fev. 2022.

GUIMARÃES, Saulo Pereira. Os 50 anos do Parque do Flamengo em 20 curiosidades. 2015. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/cidade/os-50-anos-do-parque-do-flamengo-em-20-curiosidades/#:~:text=Projetado%20entre%201954%20e%201959,e%20a%20enseada%20de%20Botafogo.&text=Aluna%20do%20pintor%20C3%A2ndido%20Portinari,idealizadora%20do%20Parque%20do%20Flamengo>. Acesso em: 01 fev. 2022.

CHUVA, Márcia Regina Romeiro. Parque do Flamengo: projetar a cidade, desenhando patrimônio. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v. 25, p. 139-166, 2017.

GIRÃO, Cláudia. 2011a. Parque do Flamengo, Rio de Janeiro, Brasil: o caso da marina – parte 1. Arqtextos 12 (135.1). Acesso em: 01 fev. 2022.

GIRÃO, Cláudia. 2011b. Parque do Flamengo, Rio de Janeiro, Brasil: o caso da marina – parte 2. Arqtextos 12 (136.1). Acesso em 01 fev. 2022.

Processo nº 748-T-64. Parque do Flamengo. DPHAN/DET, Seção de História. Vol.1. Disponível em: [http://parquedoflamengo.com.br/parque/processo\\_748-T64\\_tombamento\\_parque\\_do\\_flamengo.pdf](http://parquedoflamengo.com.br/parque/processo_748-T64_tombamento_parque_do_flamengo.pdf). Acesso em 01 fev. 2022.

LUCENA, Felipe. História do Rio Carioca. 2016. Disponível em: <https://diariodorio.com/historia-do-rio-carioca/>. Acesso em: 03 fev. 2022.

PIMENTEL, Márcia. Entre flechas e chamas nasceu o Rio. 2015. Disponível em: [http://www.multirio.rj.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1007:geremario&catid=20&Itemid=115](http://www.multirio.rj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1007:geremario&catid=20&Itemid=115). Acesso em: 03 fev. 2022.

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO - UFRJ  
2021.2 - REMOTO



# RETOMAR A TERRA

valorização das heranças e culturas indígenas





**RETOMAR A TERRA:  
valorização das heranças e culturas indígenas**


Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU

Trabalho Final de Graduação

Mayara Karen Ribeiro da Costa | DRE: 116036133

Orientadora: Flávia de Faria

Rio de Janeiro, 2022



“A mãe do brasil é indígena, ainda que o país tenha mais orgulho do seu pai europeu que o trata como um filho bastardo. Sua raiz vem daqui, do povo ancestral que veste uma história, que escreve na pele sua cultura, suas preces e suas lutas.”

**MYRIAN KREXU**

“Arquitetura é uma invenção contínua, onde a história entra como memória para ser transformadora.”

**PAULO MENDES DA ROCHA**

1

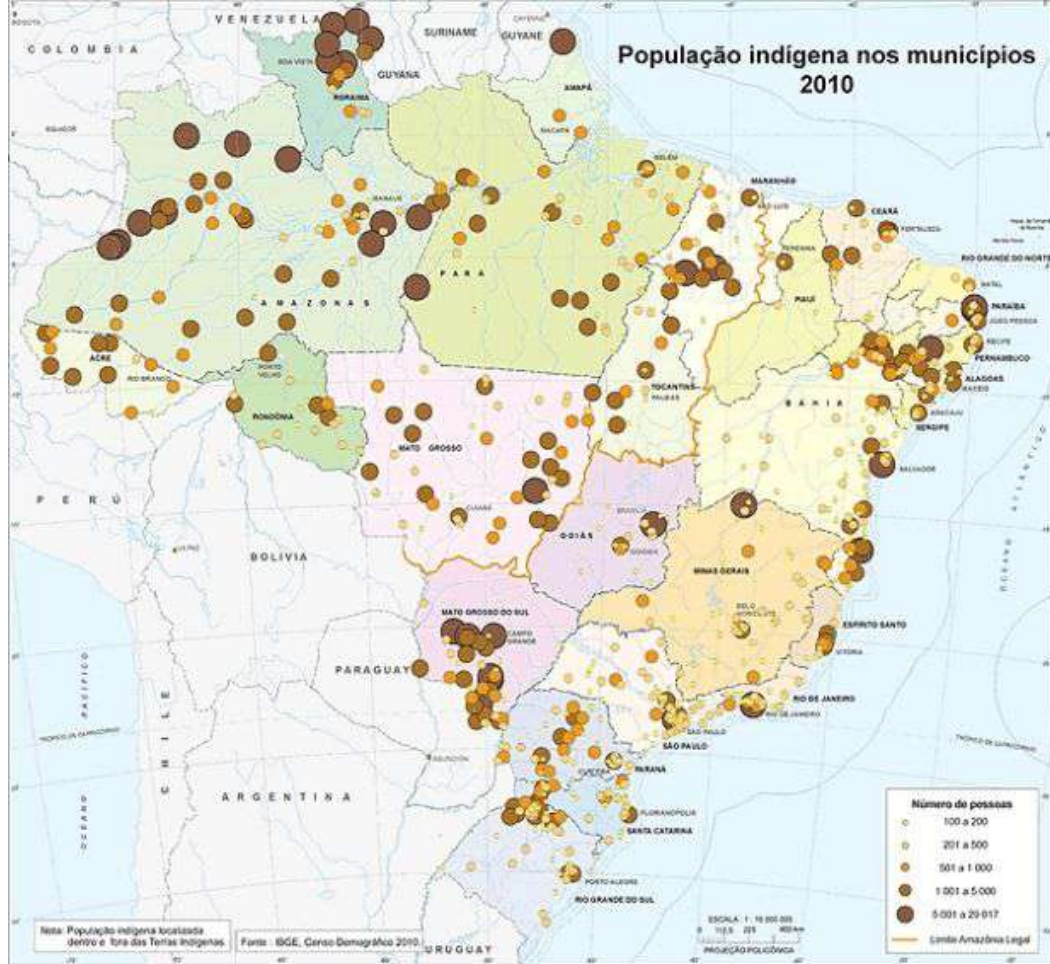
A QUESTÃO

## BRASIL ANTES DE 1500

- \_ 2 a 8 milhões de indígenas no país;
- \_ Mais de 1000 etnias.

## BRASIL HOJE

- \_ 817.963 indígenas no país (**10% do número original**);
- \_ 305 etnias;
- \_ 274 línguas;
- \_ 14 troncos linguísticos.



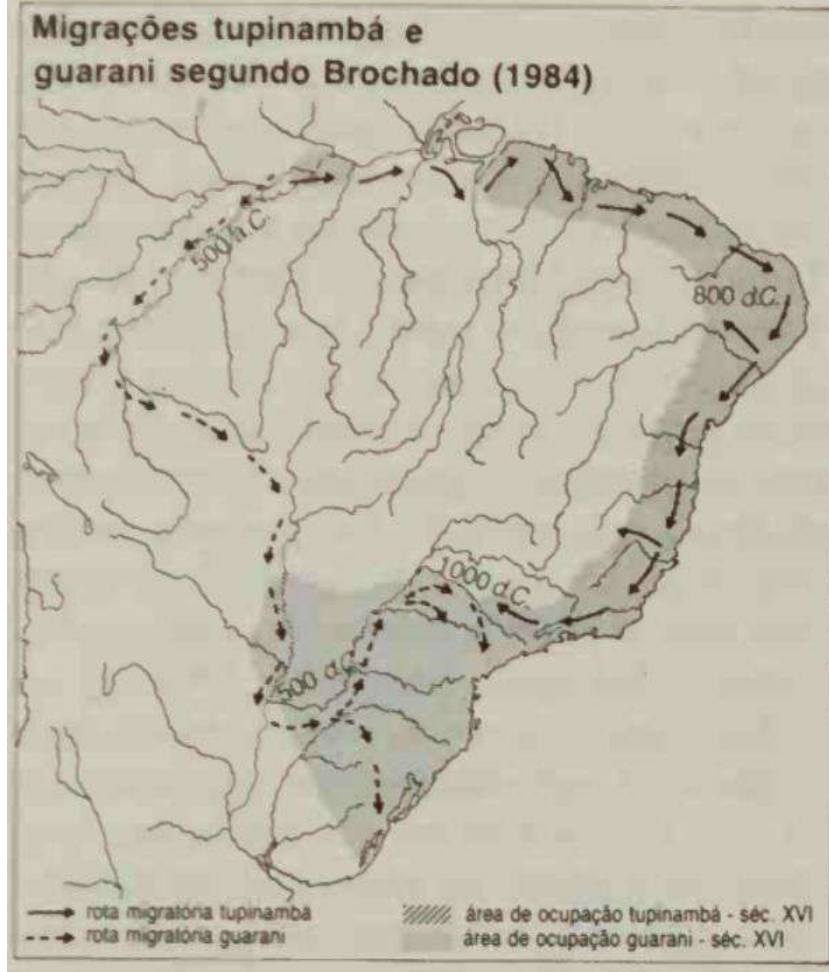
## RIO DE JANEIRO ANTES DE 1500

\_ Os **Tupinambás** foram os primeiros a chegarem na cidade:

Vindos da Amazônia, eles seguiram ao longo dos anos pelo litoral do Brasil até chegarem ao Rio de Janeiro pela **Baía de Guanabara**.

\_ Eles escolhiam suas novas terras para viverem buscando **Guajupíás**:

Os Tupinambás definiam esse termo como um **paraíso idílico**, recoberto de flores e **regado por um rio** farto, cujas margens fossem **cercadas por enormes árvores**.





# GUAJUPIÁ, TERRA SEM MALES

## RIO DE JANEIRO ANTES DE 1500

\_ Eles ocuparam as terras ao redor da **Baía de Guanabara**, onde hoje estão os bairros do **Flamengo**, **Laranjeiras**, **Largo do Machado**, **Catete** e **Glória**;

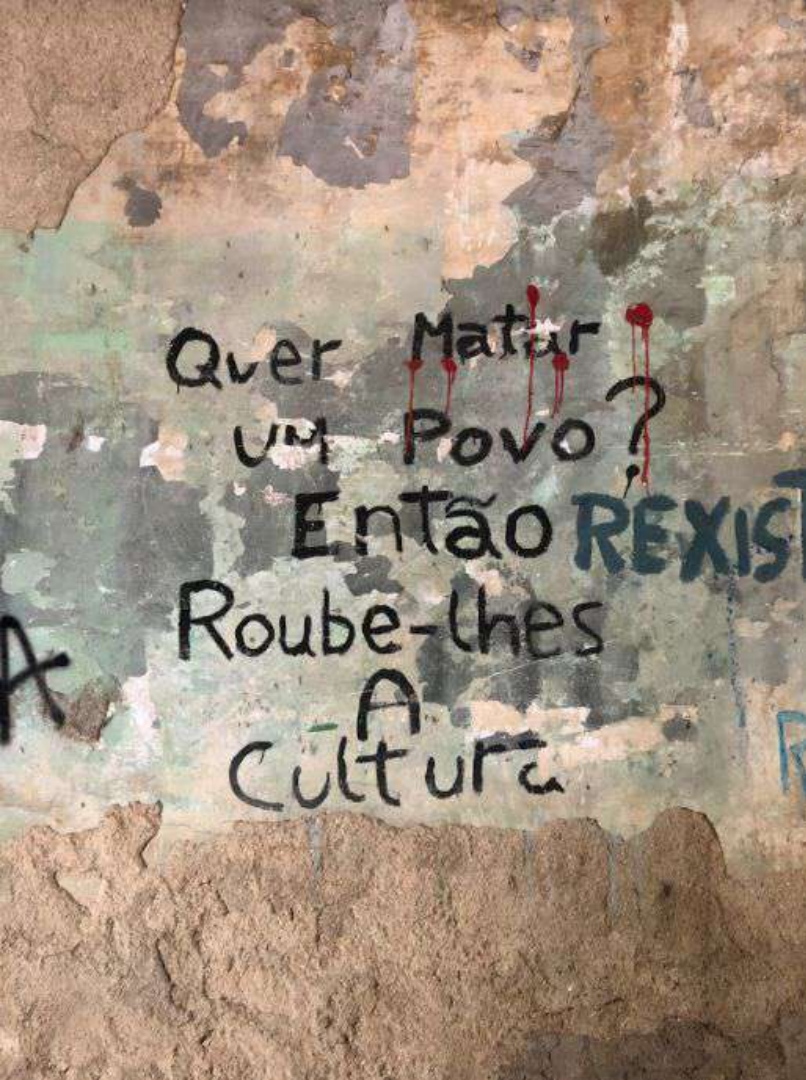
\_ Ao todo, viveram aqui **84 etnias** antes da colonização (cada uma delas com um número de habitantes entre 2 e 10 mil);

\_ Etnia **Tupinambá Karióka** tem destaque nos dados históricos documentados.





“Não conhecemos bem nossas raízes indígenas. **Existe um monumento a Estácio mas não um monumento aos Tupinambás.** (...) Existe sobre nós um olhar da história que buscou relegar os povos nativos a uma **cultura desaparecida**, que sucumbiu à colonização.” (RAFAEL FREITAS DA SILVA, 2016)



Aldeia Maracanã  
Foto autoral, novembro de 2021.

“O relato de um dos primeiros marinheiros portugueses, que viram uma OCA pela primeira vez, diz que aquelas **estupendas construções** eram naves emboCADAS. **De frágil engenhosidade, flutuantes, levíssimos espaços habitáveis.** (...) Nessa hora urgente na revisão crítica das políticas com traço colonial, é indispensável o estudo mais aprofundado, na Universidade, a partir das escolas de Arquitetura, sobre a origem do homem no universo, na nossa América.” (PAULO MENDES DA ROCHA, 2015).

## AS PROBLEMÁTICAS

- \_ Enorme **desvalorização** das culturas indígenas;
- \_ **Apagamento** das verdadeiras raízes brasileiras e cariocas;
- \_ São considerados como resíduo de um passado morto e sem valor;
- \_ Representações folclóricas e **preconceito**;
- \_ **Escassez de registros** sobre a história deles;
- \_ Resistência em tratar as construções indígenas como arquitetura.

## HERANÇA INDÍGENA COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL

“O patrimônio imaterial não requer ‘proteção’ e ‘conservação’ – no mesmo sentido das noções fundadoras da prática de preservação de bens culturais móveis e imóveis -, mas **identificação**, **reconhecimento**, **registro** etnográfico, acompanhamento periódico, **divulgação** e **apoio**.”



2

OBJETIVOS

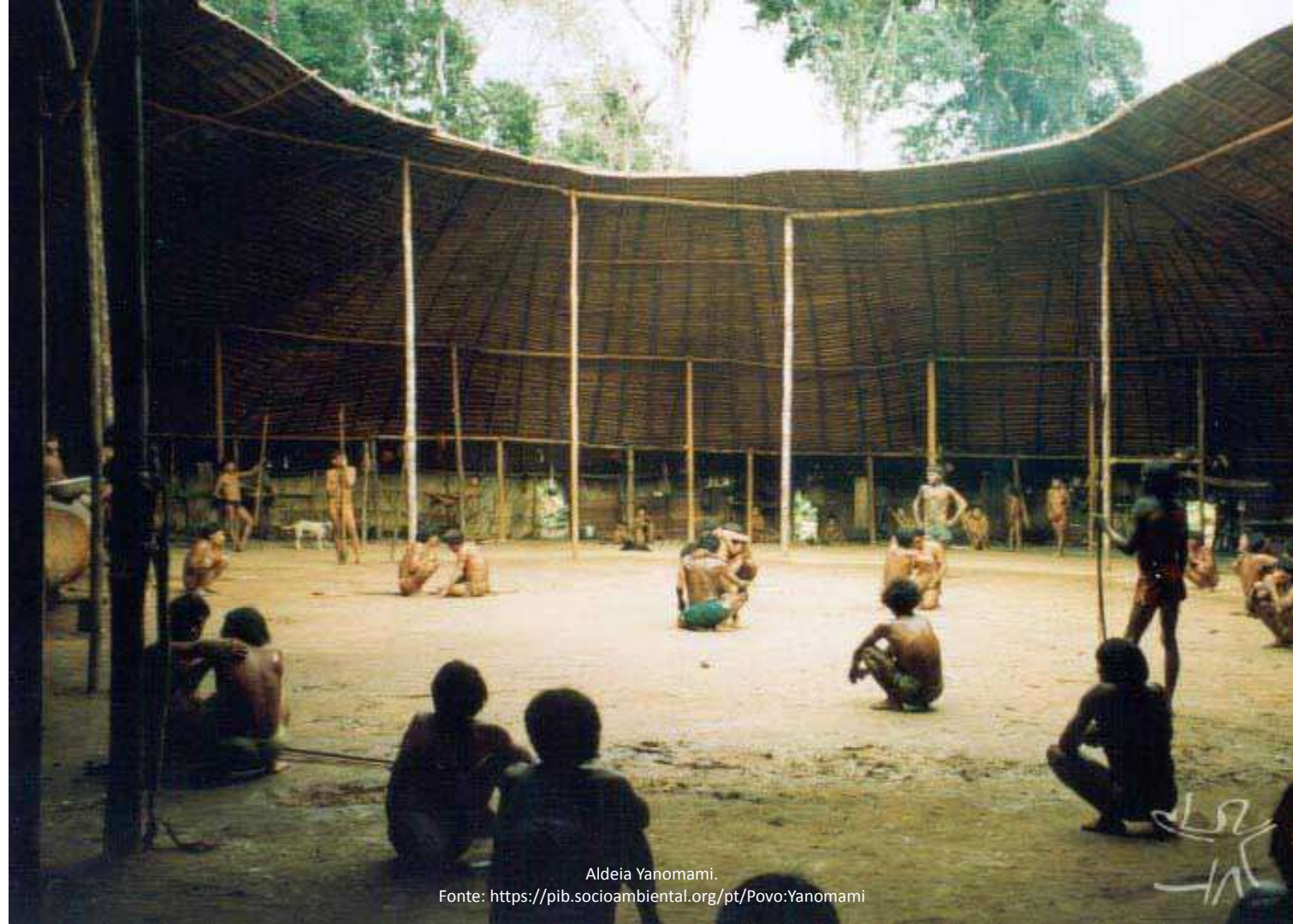
## OBJETIVOS

- \_ **Contribuir** para o registro das heranças ancestrais;
- \_ **Dar luz** à memória apagada;
- \_ **Legitimar** a validade permanente da arquitetura indígena;
- \_ **Criar** um espaço de uso livre e público;
- \_ **Gerar** o sentimento de herança e de pertencimento.

3

ARQUITETURAS INDÍGENAS BRASILEIRAS





Aldeia Yanomami.

Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yanomami>

**“Nem sempre o real é visível ou palpável.** A habitação, por mais frágil, precária e transitória que pareça, é sempre importante: ela nunca é um tema simples para pesquisa, pois está sempre **embebida de significados**, é um suporte para o invisível.”  
(CRISTINA SÁ, 2015).



# **AS FORMAS DE ALDEIAS NO BRASIL**

## FORMA CASA-ALDEIA



Etnia Tukano



Etnia Yawalapiti



Etnia Marubo

## FORMA LINEAR



Vista aérea da tribo Karajá.

Fonte: Aula Arquitetura Indígena no Brasil do Professor Reinaldo Guedes Machado (UNB).

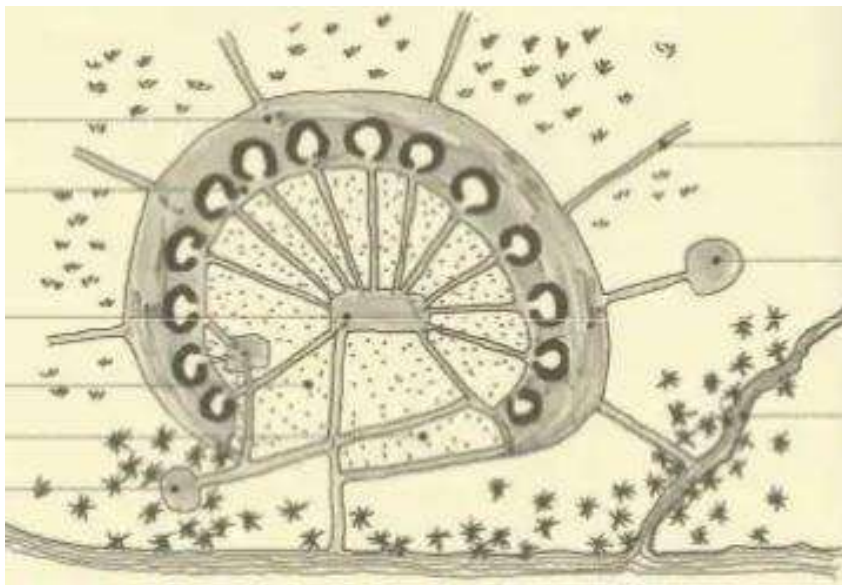
## AGRUPAMENTO DE FORMA IRREGULAR



Vista aérea da aldeia Pataxó HãHãHãe, Paraty.

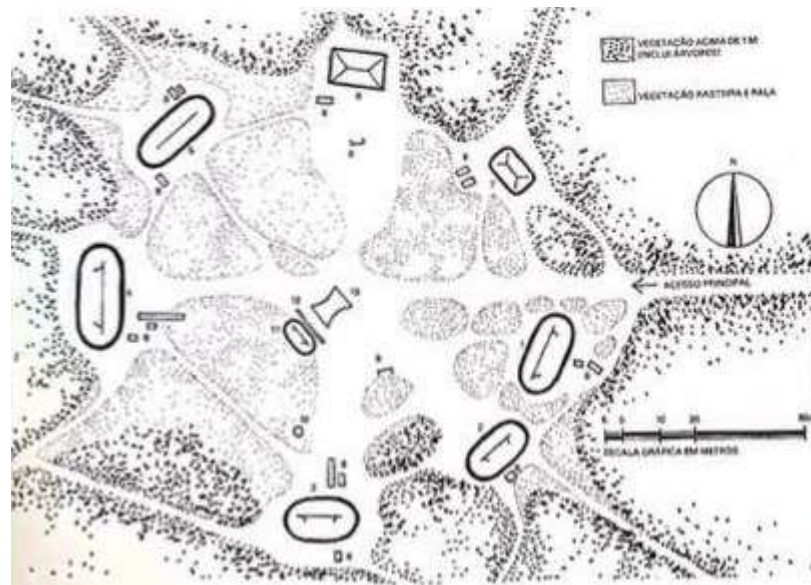
Fonte: Aula Arquitetura Indígena no Brasil do Professor Reinaldo Guedes Machado (UNB).

## FORMA CIRCULAR



Planta de implantação da aldeia Xavante.

Fonte: [www.pt.slideshare.net/liladonato/sistemas-construtivos-tradicionais-no-brasil-arquitetura-indigena?from\\_action=save](http://www.pt.slideshare.net/liladonato/sistemas-construtivos-tradicionais-no-brasil-arquitetura-indigena?from_action=save)



Planta de implantação da aldeia Yawalapiti, em 1978 (autoria de Cristina Sá).

Fonte: TRONCARELLI, Ruth Cuiá. Arquitetura indígena Alto Xinguana: um estudo das representações. 2018. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)-Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Orientador: Artur ROZESTRATEN.

## FORMA CIRCULAR

“Os Timbiras consideram o formato circular de suas aldeias como uma das **expressões mais genuínas de sua cultura**. Enquanto mantiverem a sua consciência étnica, não viverão em disposições não circulares, sabendo que o formato original de suas aldeias era **perfeito para a sua organização social e cerimonial**.” (VAN LENGEN, 2013, p.45).





## FORMA CIRCULAR



Vista aérea da aldeia Demini, do povo Yanomami, Amazonas.

Fonte: [www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/direitos-humanos/os-direitos-humanos-e-os-direitos-dos-povos-indigenas-por-um](http://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/direitos-humanos/os-direitos-humanos-e-os-direitos-dos-povos-indigenas-por-um)

“Quando os **missionários começaram a interferir nas culturas indígenas**, logo perceberam que precisariam modificar o significado dos círculos. Fizeram isso **forçando as casas a serem construídas em disposição linear**, com uma capela ao fim. Mas mesmo agora, se pedirmos a um índio, que vive num sistema linear, para desenhar sua aldeia, ele fará um desenho circular.” (VAN LENGEN, 2013, p.35)



## **OS MATERIAIS MAIS UTILIZADOS**

## BARRO

Povo Pataxó HãHãHãe executando vedação em pau a pique.



## MADEIRA



## EUCALIPTO TRATADO

### Vantagens:

- \_ Madeira de reflorestamento;
- \_ Menor custo quando comparado a outras madeiras;
- \_ Boa resistência a pragas e cupins;
- \_ Bom desempenho térmico;
- \_ Bom desempenho acústico;
- \_ Boa durabilidade.



## PALHA / PIAÇAVA



4

O CAMPO DE ATUAÇÃO



## A ESCOLHA DO CAMPO DE ATUAÇÃO

- \_ Raio de influência da **Baía de Guanabara**
- \_ Recorte escolhido: **Aterro do Flamengo**
  - \_ Contexto histórico;
  - \_ Proximidade da Baía de Guanabara e da foz do Rio Carioca;
  - \_ Praça sem manutenção e sem atrativos, com alto potencial de uso;
  - \_ Entorno recoberto por densas copas de árvores.



## ATERRO DO FLAMENGO E O TOMBAMENTO

\_ O Parque foi inaugurado em outubro de 1965, após sucessivos aterros comandados pelo então governador Carlos Lacerda;

\_ Projeto urbano: Carlota de Macedo Soares  
Projeto arquitetônico: Affonso Eduardo Reidy  
Projeto paisagístico: Roberto Burle Marx e Luiz Emygdio de Mello Filho;

\_ **Tombamento aprovado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)** em abril de 1965, antes da inauguração ocorrer;

\_ Inscrição no Livro de Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico.



Fonte: <https://diariodorio.com/historia-do-parque-aterro-do-flamengo/>



## ATERRO DO FLAMENGO E O TOMBAMENTO

“Somos usuários assíduos do nosso Parque do Flamengo, (...) pelo acesso democrático e gratuito que temos a esse belíssimo lugar. Por essa razão, nosso repúdio à privatização do espaço hoje ocupado pela Marina da Glória, cuja ampliação implicará em grandes construções, na perda de áreas, bosques, com cercamento de espaços e da paisagem, beneficiando os ricos e excluindo, mais ainda, a população pobre da cidade.” (MARIA GUILHERMINA DE ALEXANDRE, 2006)



Fonte:

<http://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/estude/historia-do-brasil/rio-de-janeiro/71-um-rio-de-muitos-janeiros/3358-o-aterro-do-flamengo-marco-paisagistico>

## O QUE DIZ A LEGISLAÇÃO?

Processo nº 748-T-64

“Um imóvel tombado ou em processo de tombamento pode ser reformado?”

Sim. Toda e qualquer obra, no entanto, deverá ser previamente aprovada pelo órgão que efetuou o tombamento. A aprovação depende do nível de preservação do bem e está sempre vinculada à necessidade de serem mantidas as características que justificaram o tombamento.”

5

O RECORTE ESCOLHIDO





# DIAGNÓSTICOS DO ENTORNO



## PONTOS DO ENTORNO



RESTAURANTE



MONUMENTO



TEATRO



CENTRO DE CULTURA



ENSINO



ESTACIONAMENTO

## PONTOS CHAVES DO ENTORNO



- 1** FOZ DO RIO CARIOCA
- 2** TEATRO DE MARIONETES CARLOS WERNECK
- 3** CHURRASCARIA ASSADOR RIO'S
- 4** MONUMENTO A CUAHTEMOC
- 5** MORRO DA VIÚVA
- 6** MONUMENTO A ESTÁCIO DE SÁ

# MAPA DE MOBILIDADE URBANA



-  CICLOVIA
-  ESTAÇÃO DE METRÔ
-  PONTO DE ÔNIBUS
-  ALUGUEL DE BICICLETA
-  ESTACIONAMENTO



## O ENTORNO PRÓXIMO

Permanência no entorno próximo ao terreno.  
Fim de semana, às 15h00.



Permanência no entorno próximo ao terreno.  
Fim de semana, às 15h00.



Permanência no entorno próximo ao terreno.  
Fim de semana, às 15h00.



Permanência no entorno próximo ao terreno.  
Fim de semana, às 15h00.







## O TERRENO

Vista do terreno durante a semana, às 10h00.



Vista do terreno durante a semana, às 10h00.



Vista do terreno durante o fim de semana, às 15h00.



Vista do terreno durante o fim de semana, às 15h00.



Vista do terreno durante o fim de semana, às 15h00.



# MAPA SENSORIAL



6

REFERÊNCIAS PROJETOAIS



## CENTRO CULTURAL JEAN-MARIE TJIBAOU

Renzo Piano - 1998



## SERPENTINE PAVILION 2017

Diébédo Francis Kéré



## THREAD ARTIST RESIDENCY & CULTURAL CENTER

Toshiko Mori - 2014



## MUSEU DE ARTE TESHIMA

Ryue Nishizawa - 2010





O FRUTO ARQUITETÔNICO

## PREMISSAS PROJETAIS

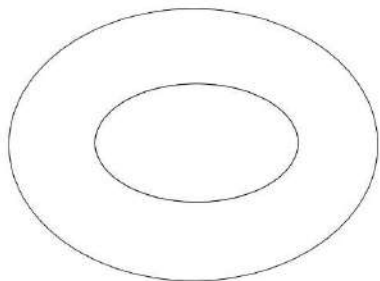
- \_ Espaço **público**;
- \_ Uso de **técnicas indígenas**;
- \_ Uso de matérias primas ancestrais;
- \_ Construção coletiva e voluntária;
- \_ **Forma circular**;
- \_ Arquitetura imersiva e **permeável**;
- \_ **Praça aberta central**;
- \_ Relação direta entre usuário e espaço;
- \_ **Espaços livres**, onde os visitantes possam definir o uso deles;
- \_ Ausência de hierarquia;
- \_ Respeito e integração com a paisagem local;
- \_ Local de **encontro e permanência**.

## ESTUDO DA FORMA

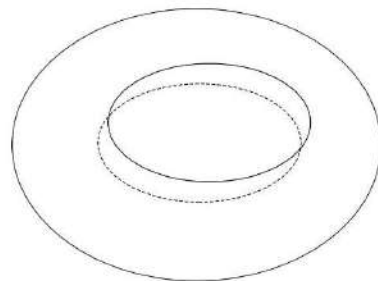


Aldeia Yanomami

Fonte: <https://piib.socioambiental.org/pt/Povo:Yanomami>



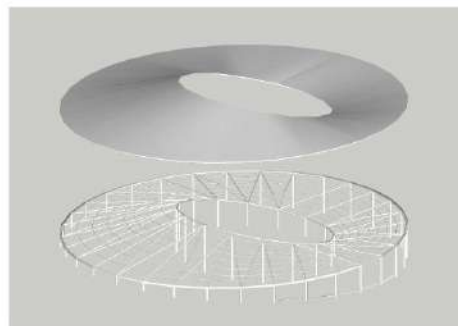
Estudo da forma circular  
com vão central aberto



Descentralização do vão



Maquete esquemática para estudo da forma  
circular abraçando as árvores centrais  
existentes no terreno.



Estudo da forma e da estrutura  
com diferentes alturas

**IMPLANTAÇÃO**



PRAIA DO FLAMENGO

PARQUE ATERRO  
DO FLAMENGO

CALÇADÃO

DECK

RIO CARIOCA - FOZ



ESTACIONAMENTO

ASSADOR RIO'S

AV. INFANTE DOM HENRIQUE

CICLOVIA MANÉ GARRINCHA



ESCALA 1:1000



PLANTA BAIXA



PARQUE ATERRO  
DO FLAMENGO

PRAIA DO FLAMENGO

CALÇADÃO

DECK

RIO CARIOCA - FOZ

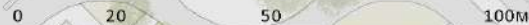


ESTACIONAMENTO

ASSADOR RIO'S

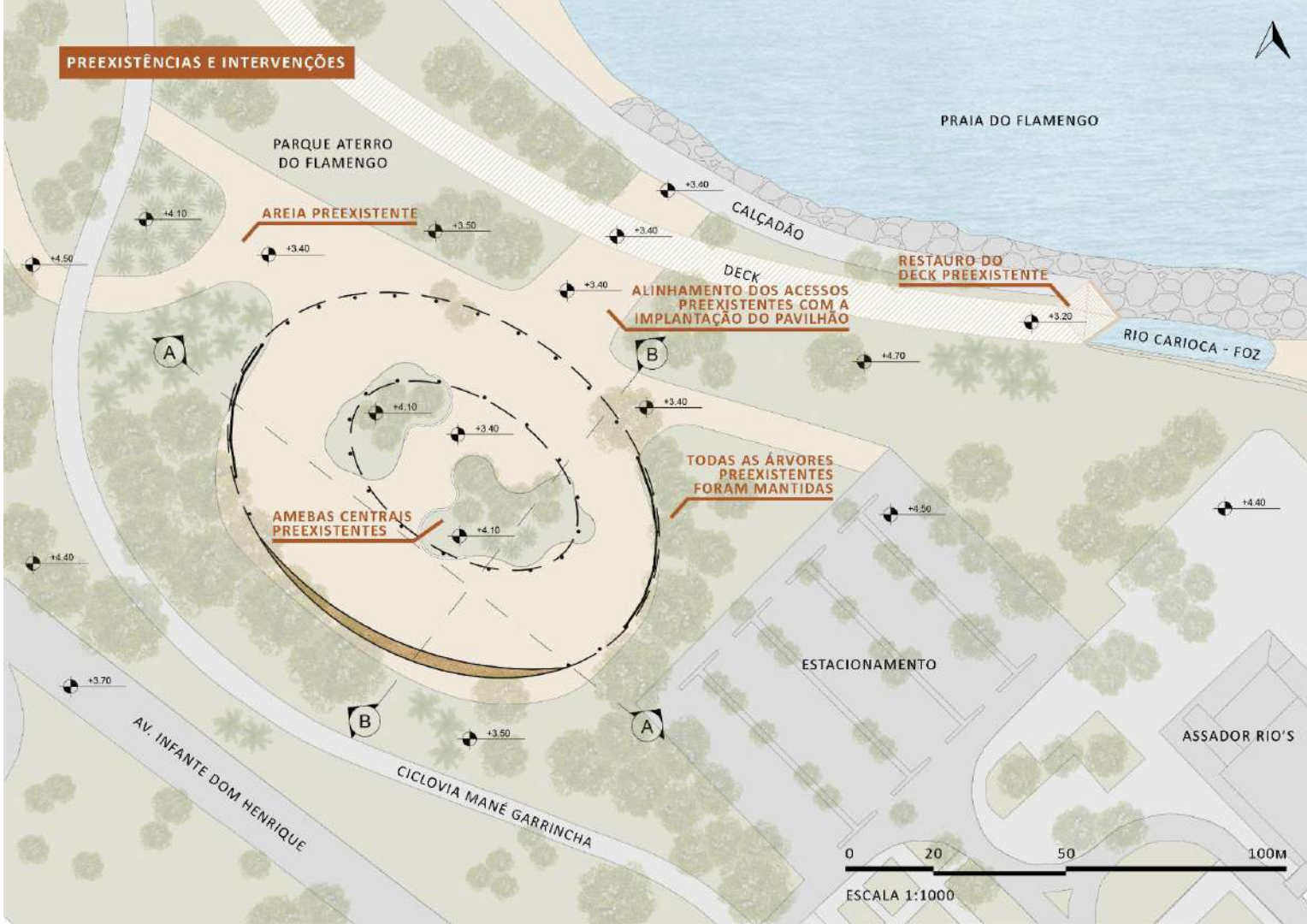
AV. INFANTE DOM HENRIQUE

CICLOVIA MANÉ GARRINCHA



ESCALA 1:1000

**PREEXISTÊNCIAS E INTERVENÇÕES**



PARQUE ATERRO DO FLAMENGO

PRAIA DO FLAMENGO

AREIA PREEXISTENTE

CALÇADÃO

RESTAURO DO DECK PREEXISTENTE

ALINHAMENTO DOS ACESSOS PREEXISTENTES COM A IMPLANTAÇÃO DO PAVILHÃO

RIO CARIOCA - FOZ

AMEBAS CENTRAIS PREEXISTENTES

TODAS AS ÁRVORES PREEXISTENTES FORAM MANTIDAS

ESTACIONAMENTO

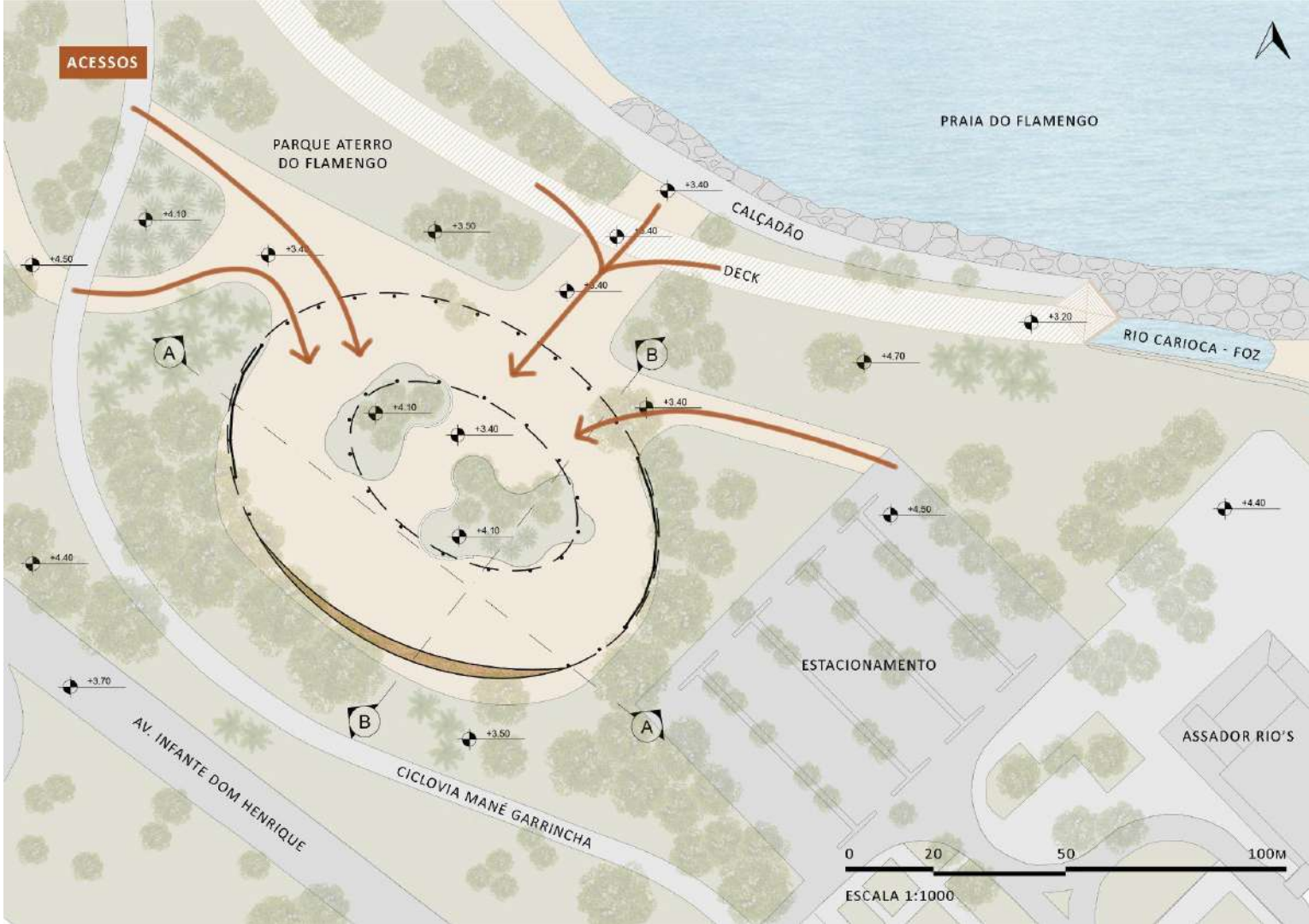
ASSADOR RIO'S

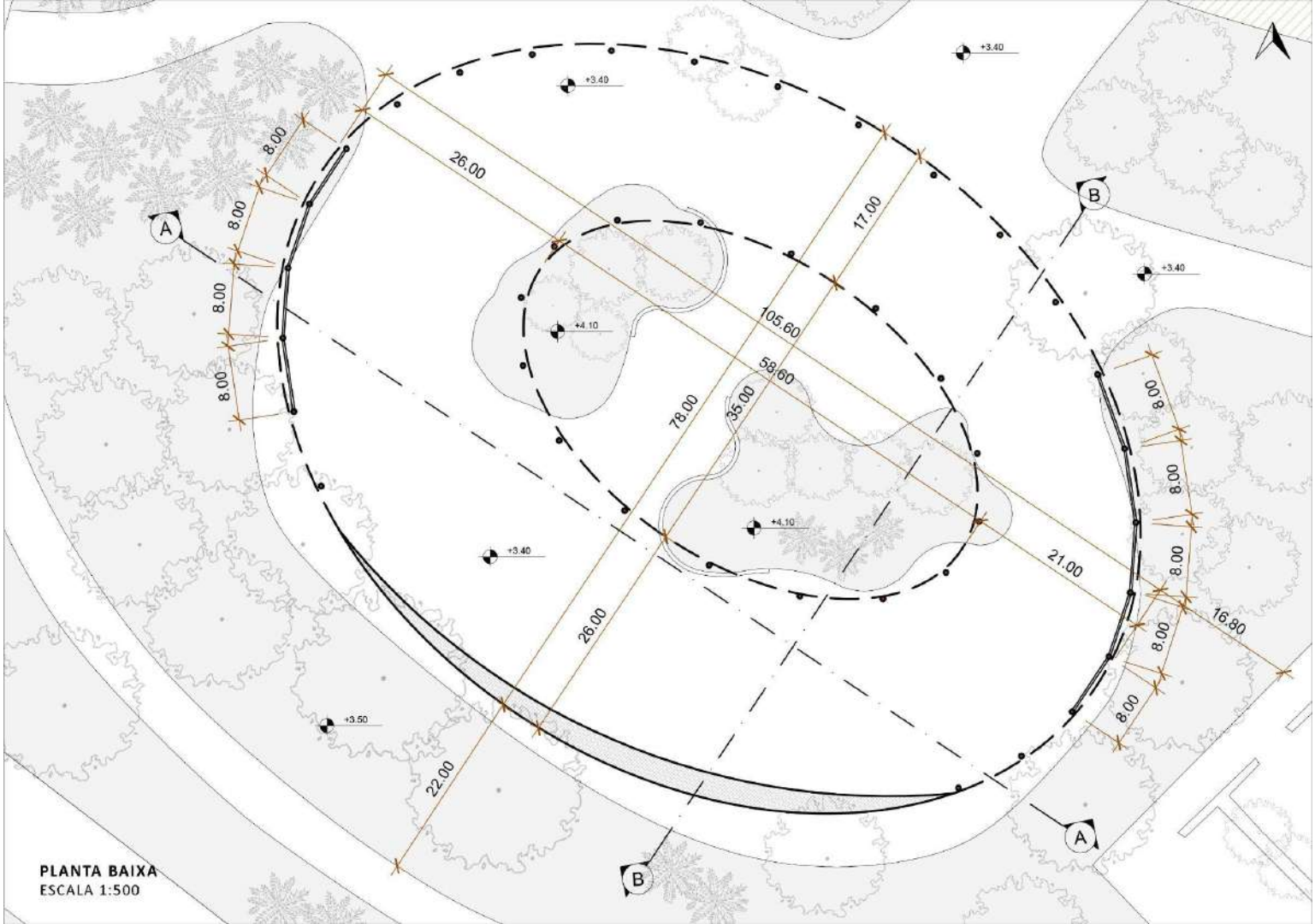
AV. INFANTE DOM HENRIQUE

CICLOVIA MANÉ GARRINCHA

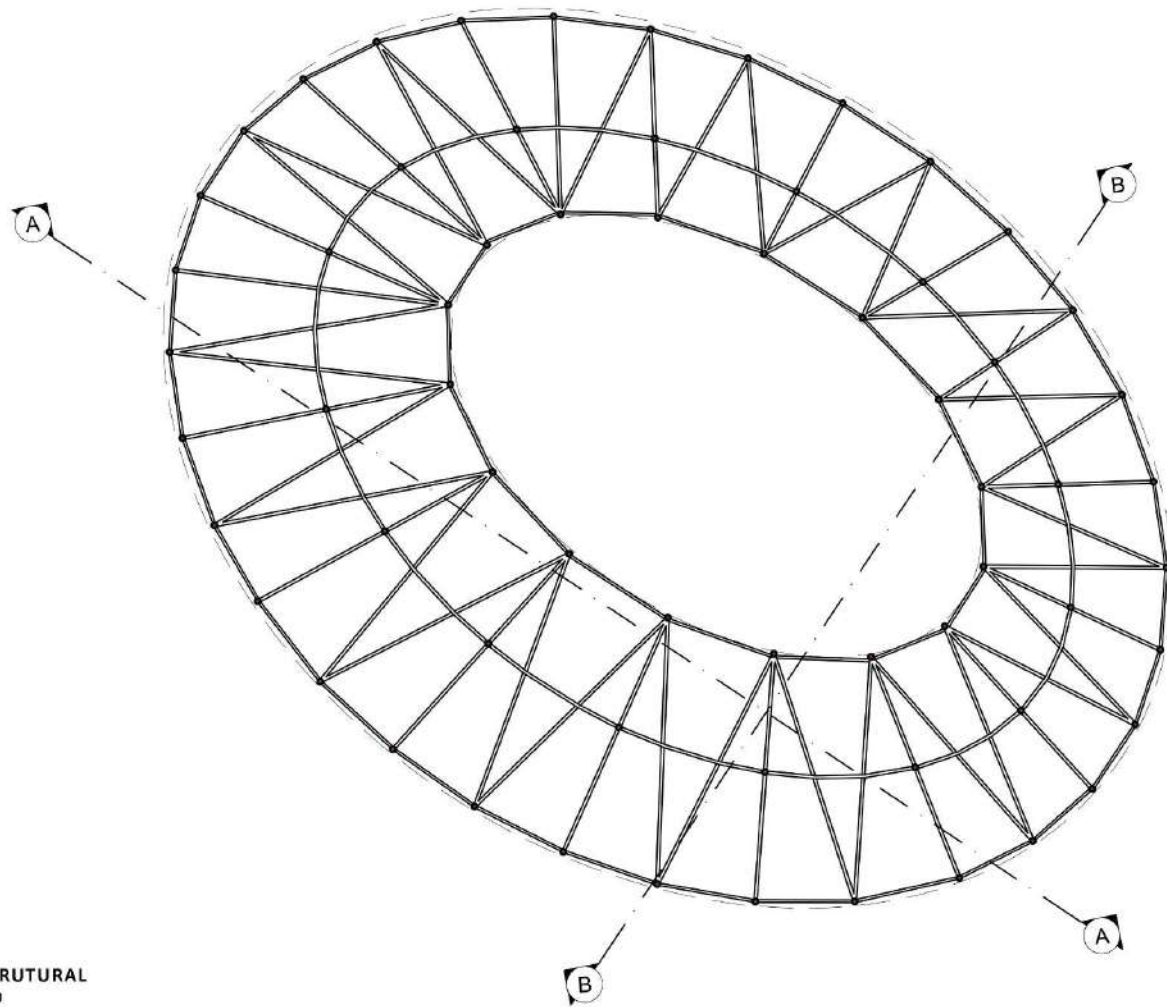


ESCALA 1:1000

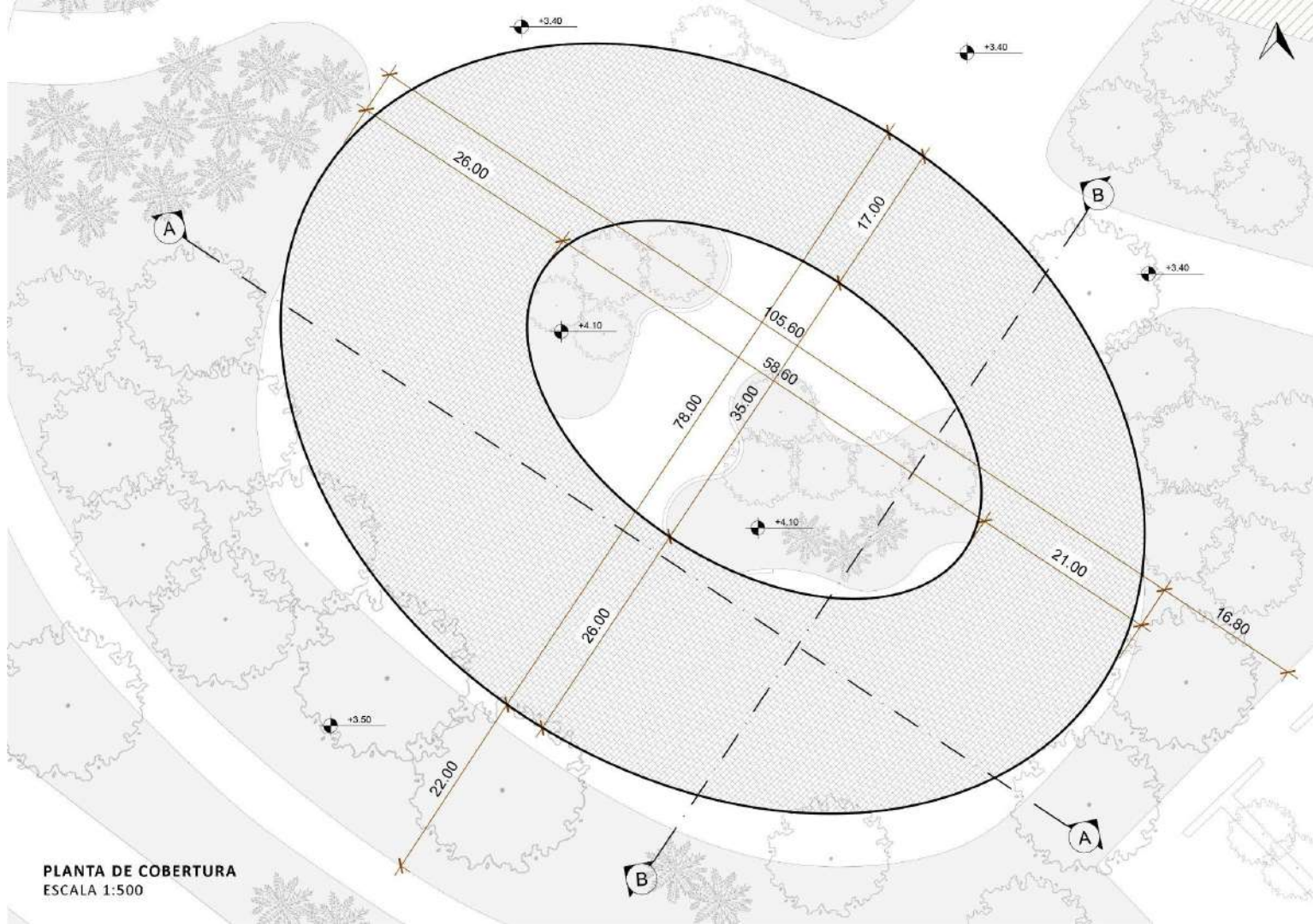




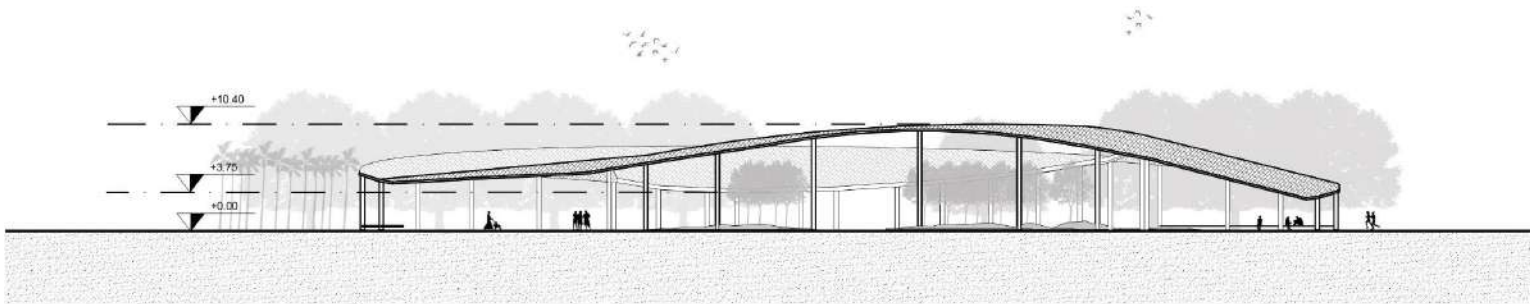
PLANTA BAIXA  
ESCALA 1:500



PLANTA ESTRUTURAL  
ESCALA 1:500



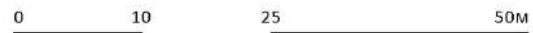
PLANTA DE COBERTURA  
ESCALA 1:500



**CORTE AA'**

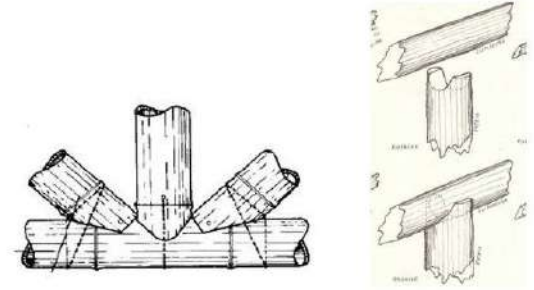
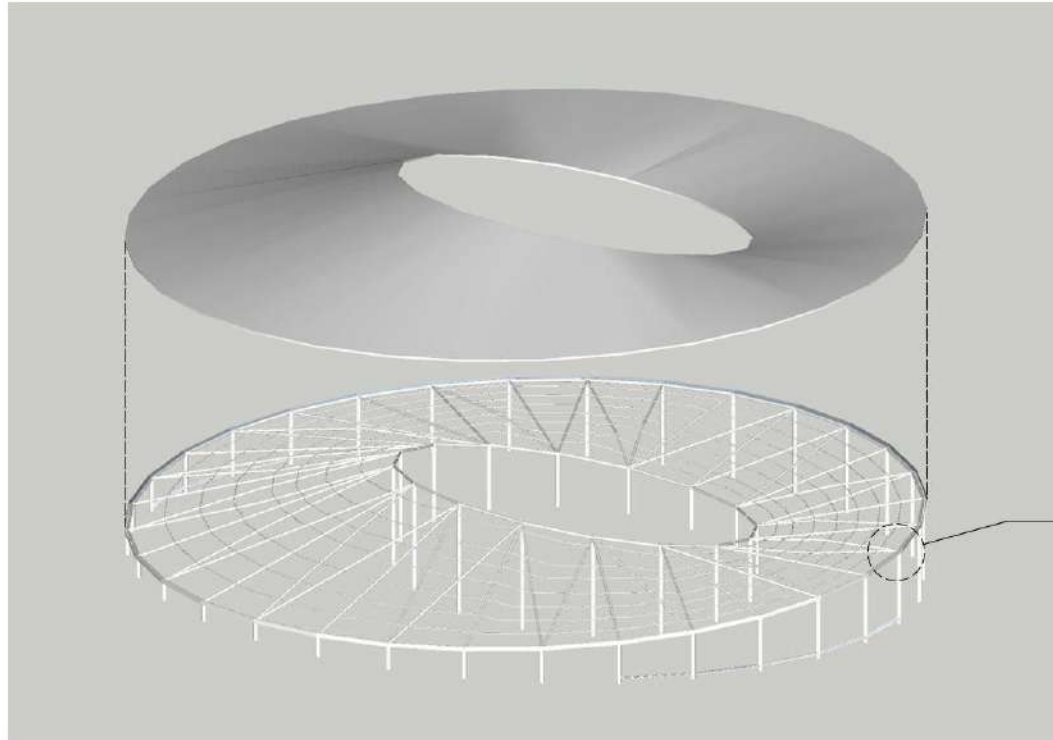


**CORTE BB'**



ESCALA 1:500

## ESTRUTURA E ENCAIXES



ENCAIXE ENTRE VIGAS E PILARES

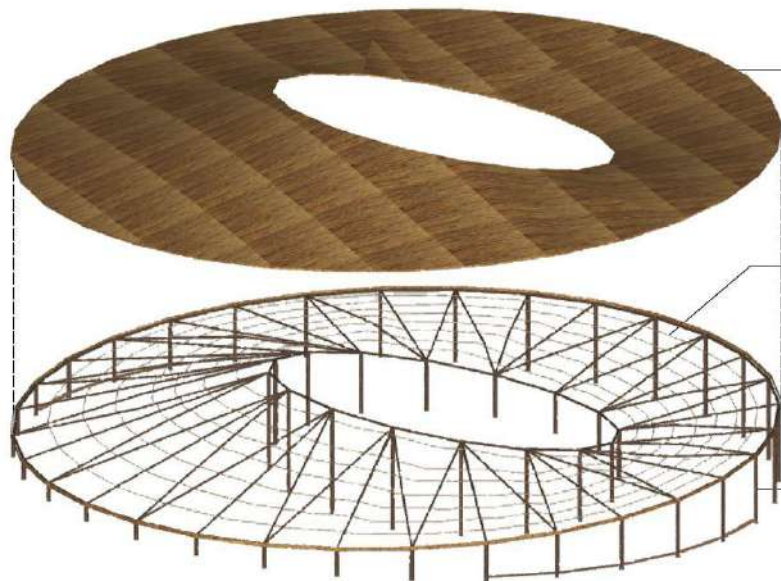
FONTES:

[WWW.UNIAOEUCALIPTOTRATADO.COM/USABILIDADE/CONSTRUCAO-COM-EUCALIPTO-TRATADO](http://WWW.UNIAOEUCALIPTOTRATADO.COM/USABILIDADE/CONSTRUCAO-COM-EUCALIPTO-TRATADO) ;

[WWW.CAURN.GOV.BR/?p=10213](http://WWW.CAURN.GOV.BR/?p=10213)



## ESTRUTURA E MATERIAIS



COBERTURA:  
**PALHA DE PIAÇAUA**



CAIBROS:  
**BAMBU**



VIGAS E PILARES:  
**EUCALIPTO AUTOCLAVADO**



FACHADA NORDESTE



0 10 20 40M

ESCALA 1:400

FACHADA NOROESTE



0 10 20 40M

ESCALA 1:400

FACHADA SUDOESTE



0 10 20 40M

ESCALA 1:400

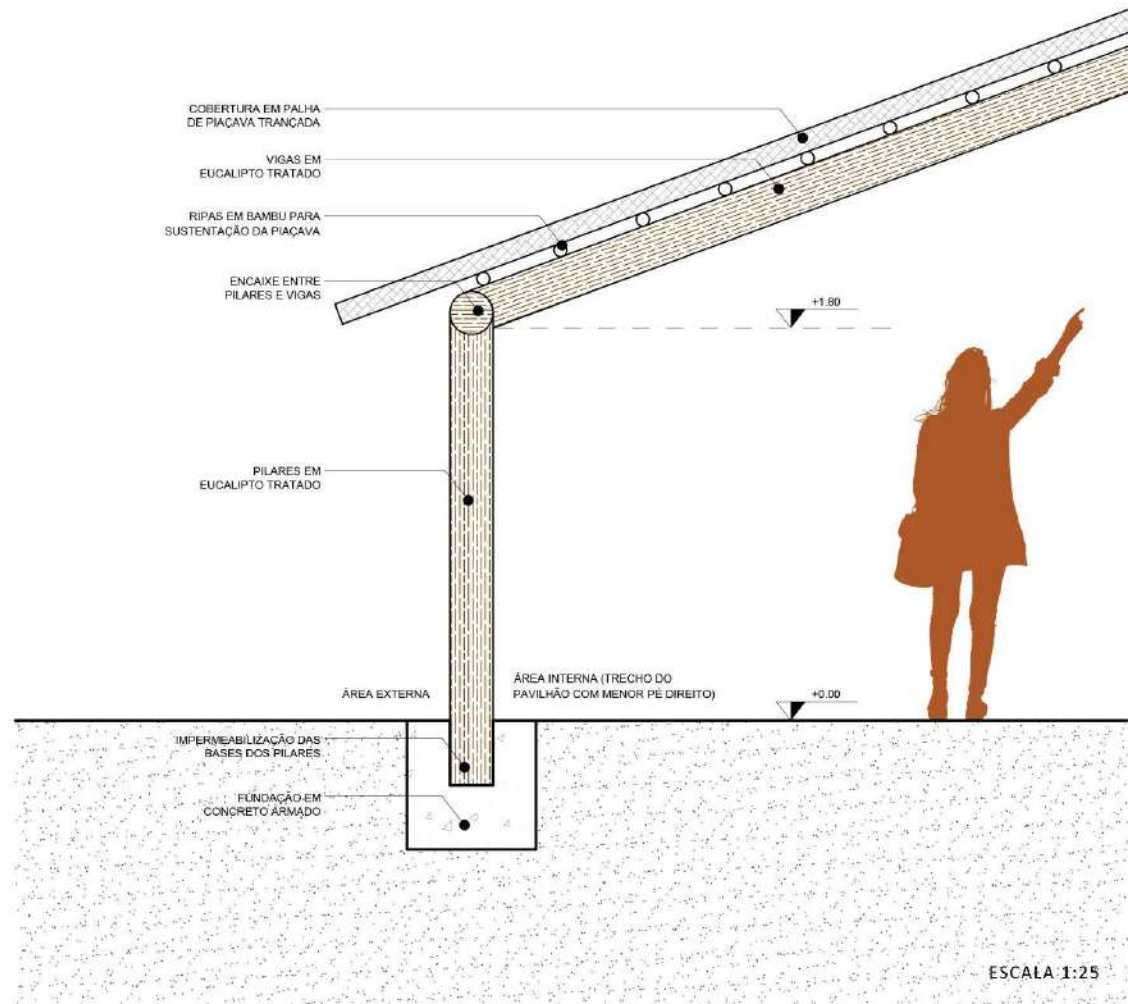
FACHADA SUDESTE



0 10 20 40M

ESCALA 1:400

## DETALHE E ESPECIFICAÇÕES

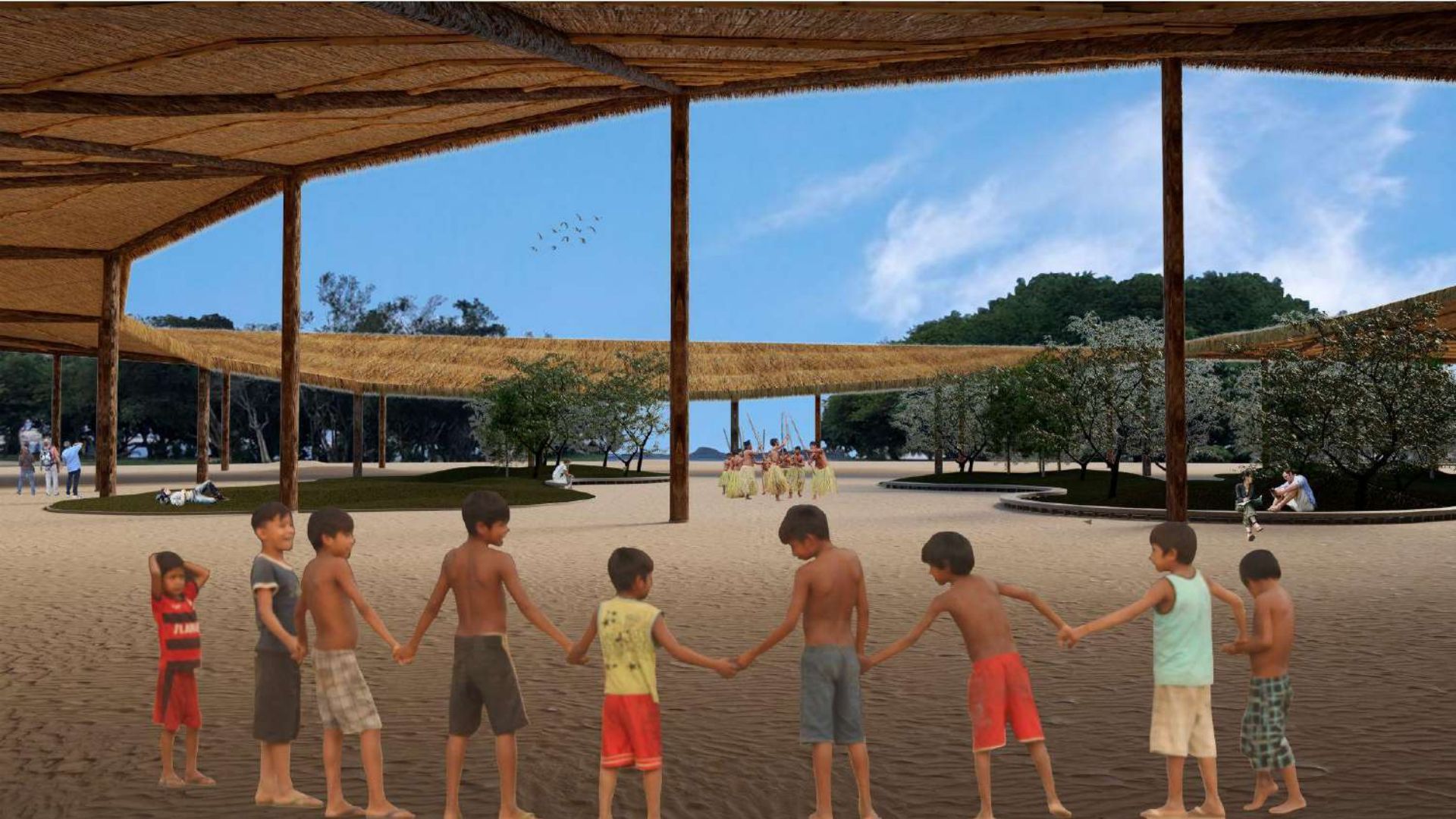





















Aldeia Maracanã  
Foto autoral, novembro de 2021.

The image shows a close-up, aerial view of a brown, granular surface, possibly a field of soil or a textured material. The surface is characterized by numerous vertical, parallel ridges or furrows that run from the top to the bottom of the frame. The texture is rough and uneven, with small clumps and variations in color from light tan to dark brown. The lighting is even, highlighting the three-dimensional quality of the ridges.

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO - UFRJ  
2021.2